



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
HUMANAS/SOCIOLOGIA**

HILDEMEIRES OLIVEIRA DOS SANTOS

**A RELIGIOSIDADE REVELADA:
UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS SOBRE OS FESTEJOS DE SÃO SEBASTIÃO
E DA MÃE DO SALVADOR EM MAGALHÃES DE ALMEIDA.**

**SÃO BERNARDO
2018**

HILDEMEIRES OLIVEIRA DOS SANTOS

A RELIGIOSIDADE REVELADA:
UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS SOBRE OS FESTEJOS DE SÃO SEBASTIÃO E
DA MÃE DO SALVADOR EM MAGALHÃES DE ALMEIDA.

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia
da Universidade Federal do Maranhão,
Campus – São Bernardo para a obtenção do
grau em Licenciatura em Ciências
Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Washington Tourinho
Júnior

SÃO BERNARDO
2018

OLIVEIRA DOS SANTOS, HILDEMEIRES.

A RELIGIOSIDADE REVELADA: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS
SOBRE OS FESTEJOS DE SÃO SEBASTIÃO E DA MÃE DO SALVADOR EM MAGALHÃES DE
ALMEIDA / HILDEMEIRES OLIVEIRA DOS SANTOS. 2019.

58 p.

Orientador(a): Washington Tourinho Júnior.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2019.

1. Fotografia. 2. Memória. 3. Religiosidade. 4.
Representação. 5. Visualidade. I. Tourinho Júnior, Washington. II.
Título.

HILDEMEIRES OLIVEIRA DOS SANTOS

**A RELIGIOSIDADE REVELADA:
UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS SOBRE OS FESTEJOS DE SÃO SEBASTIÃO E
DA MÃE DO SALVADOR EM MAGALHÃES DE ALMEIDA.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, Campus – São Bernardo para a obtenção do grau em Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Washington Tourinho Júnior (Orientador)

Prof^a Dr^a Ana Caroline Amorim Oliveira

Prof^a Dr^a Mary Angélica Costa Tourinho

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que em sua infinita misericórdia me concedeu sabedoria e entendimento na produção deste trabalho.

A minha família que em todos os momentos esteve ao meu lado me dando o apoio necessário, à minha mãe, meu pai, meus irmãos e demais membros de minha família.

Ao meu namorado, que no decorrer desta jornada me acompanhou, sempre me dando incentivo para seguir em frente e não desistir.

A Dra. Alina Silva Sousa de Miranda, por ter proposto um seminário no qual o assunto tratava da Cultura Visual, pois foi a partir daí que despertou em mim o interesse em trabalhar com a visualidade.

A minhas companheiras de curso, Maria de Fátima Batista Vieira, Maiana Marques Alves, Emanuely Lima Monteiro, Mirlane Fernandes Araújo, que contribuíram em muito para minha formação acadêmica compartilhando conhecimentos e experiências.

Ao entrevistados, suas contribuições para o meu trabalho foram de um valor imensurável.

Ao meu orientador, professor Washington, que esteve sempre disponível para me ajudar no que fosse necessário me dando apoio e orientação sem igual.

“A fotografia, antes de tudo é um testemunho. Quando se aponta a câmera para algum objeto ou sujeito, constrói-se um significado, faz-se uma escolha, seleciona-se um tema e conta-se uma história, cabe a nós, espectadores, o imenso desafio de lê-las.”

Ivan lima

RESUMO

Este trabalho trata das possibilidades de observação dos festejos de São Sebastião e da festa da Mãe do Salvador pelas lentes de Raimundo Olinda dos Santos Filho. Para tal, inicialmente é feito um resgate social e histórico do processo fundação, municipalização e desenvolvimento da cidade de Magalhães de Almeida. Em seguida recupera-se por meio da memória retroativa de algumas pessoas entrevistadas como se davam a vivências no município, aproveitando para analisar a história de vida e experiências dos próprios entrevistados. Pretende-se ainda, refletir sobre o papel das imagens religiosas no imaginário da fé, e como estas contribuem para o fortalecimento desta última. Por último, analisaremos as fotografias de Raimundo Olinda dos Santos Filho à luz do conceito de visualidade.

Palavras- chave: Religiosidade. Representação, Memória. Visualidade, Fotografia.

ABSTRACT

This paper deals with the possibilities of observing the festivities of São Sebastião and the feast of the Mother of Salvador by the lenses of Raimundo Olinda dos Santos Filho. For this, initially a social and historical rescue of the process foundation, municipalization and development of the city of Magalhães de Almeida. Then I tried to recover through the retroactive memory of some people interviewed as if they gave the experiences in the municipality. Finally, we will analyze the photographs of Raimundo Olinda dos Santos Filho in the light of the concept of visuality.

Keywords: Religiosity. Representation. Memory. Visuality, Photography.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
1 ENTRE A IMAGEM E A MEMÓRIA: Os rastros imagéticos na formulação da memória histórica de um povo.	134
1.1 A fotografia como fonte de construção da identidade histórica.	134
1.2 As formas de interpretação e construção das imagens através das fotografias	178
1.3 A fotografia como forma de influência na consolidação de imagens imediatas.	189
2 ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: Magalhães de Almeida e sua relevância para a formulação de um acervo pessoal.	223
2.1 De vila a cidade: um breve histórico de Magalhães de Almeida	223
2.2 Entre festas, vivências e Religiosidades: os festejos e a vida cotidiana de Magalhães de Almeida.....	267
3 AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS CONTAM HISTÓRIAS: o festejo católico de São Sebastião e a festa da Mãe do Salvador em Magalhães de Almeida pelas lentes de Raimundo Olinda dos Santos Filho.....	356
3.1 Raimundo Olinda Filho, um fotógrafo e seus registros citadinos.....	42
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS	53
ANEXO I.....	54
ANEXO II.....	55

INTRODUÇÃO

A ideia de trabalhar com fotografias dentro da História e da Sociologia foi despertada em mim por conta de um seminário sobre Cultura Visual apresentado por meu grupo durante o curso. Daí então percebi a possibilidade de trabalhar com esse tema visualidade utilizando as fotos de Raimundo Olinda dos Santos Filho. Suas fotografias chamam atenção por capturarem momentos importantes da vivência social e religiosa das pessoas.

Ao analisar as fotografias é necessário levar em consideração que os significados que lhes são atribuídos provém das relações sociais e são estas que lhes dão sentido. Por isso a necessidade de investigar em que meio, em que lugar em que circunstâncias sociais as imagens estão inseridas. Nessa perspectiva, aproveitei para trabalhar com os festejos de São Sebastião e da Mãe do Salvador, escolhi os mesmos porque são os que têm maior participação dos fiéis e também porque são os festejos pelos quais tenho mais apreço particularmente. Este trabalho se justifica pela necessidade debruçar um olhar diferenciado sobre as fotografias explorando o que há de mais rico em sua composição. Caberá ainda refletir sobre os conceitos de representação, religiosidade, visualidade, fotografia e entre outros.

Resolvi utilizar os depoimentos porque servem como testemunhos das histórias contadas. Entre todos os entrevistados, cada um tem participação direta nos movimentos com os quais busquei trabalhar, o secretário de cultura porque é ele quem elabora os projetos de ornamentação dos arraiais, assim como escolhe os temas a serem trabalhados em cada ano juntamente com sua equipe. Escolhi as senhoras e o senhor entrevistados porque ao longo de suas vidas foram assíduos nos trabalhos religiosos e também em eventos culturais, como no caso dos arraiais. Por trás de cada depoimento se revela a História Oral, contada, lembrada e sobretudo vivida pelos entrevistados.

Nesse sentido, a História Oral aqui utilizada como método de pesquisa tem a função de promover um diálogo entre o pesquisador e os entrevistados, diálogo este que começa antes mesmo que a entrevista seja realizada, quando nos primeiros contatos entre ambos já se constroem relações de respeito e confiança. Ao falarem, os entrevistados contam o que acham oportuno, acontecimentos que de alguma forma tiveram significados em suas vidas, muitas vezes manifestando sentimentos. Ao pesquisador cabe escutá-lo e registrar o que narram direcionando os relatos para o objeto de estudo utilizado.

Para tanto, julguei oportuno abordar a Cultura Visual, porque foi ela a responsável por dar um novo enfoque às imagens fotográficas, e as imagens fotográficas porque a sociedade

está cada vez mais permeada por estas. Busquei fazer uma ligação entre ambas afim de perceber em que sentido elas podem ajudar num estudo sobre as fotografias pautado na visualidade, no que está por trás das imagens fotografadas.

É interessante perceber a forma como cada entrevistado se posiciona sobre determinado assunto revelando aos poucos e com riqueza de detalhes, cada história vivida e contada de modo singular. As experiências vão sendo contadas, virando memória e se tornando história.

Busquei trabalhar com História Oral pois este é um tipo de história que contempla as minorias, que lida com elementos por vezes deixados de lado e possibilita uma conversação entre História e Sociologia.

História vista de baixo, história do local e do comunitário, história dos humildes e dos sem-história, tira do esquecimento aquilo que história oficial sepultou: tradições pré-colombianas, recolhidas pelos cronistas franciscanos do século XVI, em que se enraíza a História Oral mexicana; [...] a História Oral construiu sua identidade sobre um sistema maniqueísta de antinomias, de que decorem os seus princípios metodológicos – uso de pesquisa de campo e da observação participante, abertura interdisciplinar para as demais ciências sociais. (TREBITSCH, 1994, p. 25, 23).

A fundamentação teórica se complementa com a pesquisa participante neste trabalho, pesquisa esta, realizada por meio das entrevistas com pessoas que moram na cidade e que de alguma maneira são importantes na história da mesma. Assim pudemos fazer uma recuperação da história de Magalhães de Almeida por meio dos depoimentos e relacioná-los com as fotografias de Raimundo Olinda dos Santos Filho aqui utilizadas.

O primeiro capítulo mostra que a fotografia está cada vez mais presente na sociedade e pode ser vista como representante da memória e das relações sociais do cotidiano, possibilitando assim uma infinidade de reflexões a seu respeito, reflexões estas que levam em considerações os significados, o modo de ver do fotógrafo e entre outros elementos que de sua composição fazem parte. Trata ainda das relações entre fotografia e memória, onde a primeira é definida como recurso de pesquisa desta última. Neste capítulo também falaremos da cultura visual e de sua contribuição para que a fotografia ganhasse novas abordagens e com isso desencadeasse uma interdisciplinaridade entre as ciências humanas.

No segundo capítulo trataremos do surgimento da cidade Magalhães de Almeida-MA, de como se deu o processo de municipalização da mesma mostrando um pouco das principais atividades comerciais e quem eram os principais representantes destas há 20 anos

atrás. Para tal foram feitas entrevistas com moradores da cidade na intenção de resgatar por meio da memória retroativa das pessoas como se davam as vivências no município, os modos de vida, as práticas para a subsistência, a cultura e os costumes, como a sociedade aos poucos foi sendo povoada e se desenvolvendo em todos os sentidos. Utilizaremos o autor da obra “Magalhães e sua História”, Gilberto Wagner, que contribui em grande medida para nos mostrar como se deu ambos os processos, o de surgimento do lugar, quando o mesmo recebeu o nome de FURO, e o de municipalização quando passou a ter o nome de Magalhães de Almeida- MA. Destacaremos também a presença e importância das religiões em Magalhães de Almeida- MA. Ainda neste capítulo faremos uma relação entre a História Oral e os depoimentos dos entrevistados.

No terceiro capítulo serão analisadas algumas fotografias de Raimundo Filho que tratam dos festejos de São Sebastião e da Mãe do Salvador em Magalhães de Almeida – MA, onde as mesmas são vistas como representações e manifestações da fé dos católicos. As análises serão feitas com bases nos conceitos aqui trabalhados, tais como: religiosidade, identidade representação, e entre outros que fazem parte da visualidade. Trataremos ainda de evidenciar a importância do acervo fotográfico de Raimundo Filho como contribuição para história e para a sociologia. Este de certa forma registra memórias e acontecimentos vividos e experiências afim de possibilitar as gerações futuras uma visita ao passado, embora estejam em um tempo presente.

Assim, faremos abordagens no campo social e histórico sobre Magalhães de Almeida – MA e sobre o acervo fotográfico de Raimundo Olinda dos Santos Filho com base nas fundamentações teóricas, nos depoimentos e nas análises feitas sobre as fotografias e as entrevistas.

1 ENTRE A IMAGEM E A MEMÓRIA: Os rastros imagéticos na formulação da memória histórica de um povo.

1.1A fotografia como fonte de construção da identidade histórica

A fotografia tem conquistado cada vez mais espaço na atual sociedade, uma vez que esta é utilizada nos diversos meios de comunicação social, tanto os meios mais sofisticados, no caso dos dispositivos móveis, por exemplo, quanto nos meios mais simplificados. Ela, a fotografia, nos dá acesso, nos transporta a momentos que se dilaceram no tempo e no espaço. De acordo com o que esteja fotografado, pode-se ver o que a fotografia revela e o que oculta com base nas perspectivas do autor, daí então a necessidade de debruçar sobre a fotografia um olhar que reflita para além da simples imagem capturada.

Nesse sentido, a fotografia é um dos componentes do funcionamento desta sociedade intensamente visual e intensamente dependente da imagem. É nessa perspectiva que se pode encontrar o elo entre a cotidianidade e a fotografia, a fotografia como representação social e memória do fragmentário, que é o modo próprio de ser da sociedade contemporânea. Mesmo que tenha tido uma origem difusa e funções inespecíficas, a fotografia vai se definindo, no contemporâneo, como suporte da necessidade de vínculos entre os momentos desconectados do todo impossível, como documento da tensão entre ocultação e revelação, tão característica da cotidianidade. (MARTINS, 2008, p.36).

De acordo com Martins (2008), quando um indivíduo reflete sobre as fotografias com bases na Sociologia, é provável que adquira o conhecimento sobre as limitações das mesmas como formas de documentação, e assim perceba qual o lugar em que elas se encontram na Sociologia. Para este autor, somos uma sociedade que pensa fotograficamente.

A fotografia, na perspectiva sociológica ou antropológica, sabemos, não esgota suas funções cognitivas nos temas cuja visualização permite. Por trás da fotografia, mesmo aquela com intenção documental, há uma perspectiva do fotógrafo, um *modo de ver* que está referido a situações e significados que não são diretamente próprios daquilo que é fotografado e daqueles que são fotografados. (MARTINS, 2008, p. 63-64).

Cabe aqui fazer uma breve distinção entre imagem e fotografia, a primeira pode ser definida como algo que reafirma um texto escrito, como no caso dos livros didáticos, como símbolo para indicar determinada coisa, e entre outros. Normalmente, a imagem não é posta em reflexão e questionamentos. Já a fotografia é um tipo de imagem diferenciada, que ao longo dos tempos foi ganhando novos enfoques, pois ao ser observada pelos indivíduos instiga-os a fazerem interrogações e a buscarem nestes elementos que se encontram por trás da

imagem fotografada. Um momento importante na história da fotografia foi quando alguns pesquisadores mudaram o foco do visual para a visualidade na imagem fotografada.

Então, as fotografias se revelam como instrumentos que contam histórias, e ao serem observadas induzem os indivíduos a recordar momentos e acontecimentos que talvez não sejam possíveis de serem lembrados somente com o auxílio da memória. É nesse momento que memória e fotografia se interligam e tem a função de recuperar memórias do que se quis registrar e do que se quis ocultar. Portanto, fotografia e memória se relacionam entre revelações e ocultações das realidades sociais, realidades estas que se encontram em contínuas mudanças, e estas últimas podem ser claramente acompanhadas por meio das fotografias.

A fotografia vista como um conjunto narrativo de histórias, e não como mero fragmento imagético se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. Memória das perdas. Memória desejada e indesejada. Memória do que opõe a sociedade moderna à sociedade tradicional, memória do comunitário que não dura, que não permanece. Memória de uma sociedade de rupturas e não de coesões e preeminências. Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e constitutivas, de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias, de uma sociedade mais de estranhamentos do que de afetos. (MARTINS, 2008, p. 45).

A fotografia deve ser entendida aqui como um recurso de pesquisa fundamental na questão das memórias¹, memórias registradas pelas lentes de uma câmera que são capazes de eternizar momentos e situações. Por meio da memória podemos ainda recuperar histórias e acontecimentos que ocorreram em um tempo passado e trazê-las ao nosso presente fazendo com que se tornem vivas em nosso meio.

De acordo com Pollak (1922), quando memória e identidade estão bem estruturadas, bem asseguradas, elas não estão propensas a sofrerem influências externas. De acordo com ele a memória é fruto de uma construção, e nesse sentido diz que toda documentação também o é. No caso aqui trabalhado, pode-se dizer: a fotografia é uma fonte documental, e as memórias imersas a ela são construídas histórico e socialmente.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos

quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1922, p. 5).

De acordo com Pollak, a memória se dá por meio das vivências individuais e ou coletivas. Por vezes estas estão sujeitas a alterações no decorrer do tempo e do espaço no qual tais indivíduos fazem parte.

Assim, as fotografias podem ser caracterizadas como documentos, quando as mesmas são vistas como recursos visuais, assumindo neste caso o aspecto de “prova documental”. A ideia de documento por nós utilizada será a mesma adotada por Jacques Le Goff quando analisa o papel da memória histórica e de seus elementos de comprovação e de visibilização dos objetos de pesquisa. Como coloca Le Gof 1922, o aspecto documental.

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. (LE GOF, 1992, p. 547-548).

A fotografia, tal como o documento citado por Le Goff assume, também um aspecto histórico e manipulável, sendo por sua vez observada como um testemunho, um objeto capaz de produzir sentido.

A noção de manipulação documental gerou uma discussão sobre um novo campo de estudos nos Estados Unidos que ficou conhecido como Cultura Visual², o foco central deste campo de pesquisa é a visualidade, que traz consigo a proposta de um olhar mais aguçado sobre as fotografias, um olhar de investigação, pode-se dizer, um olhar que procura identificar quais elementos fazem parte da composição visual das fotografias.

²[...] o termo “cultura visual” partiu do reconhecimento da diversidade do universo das imagens, favorecendo um tratamento das imagens que não esteve baseado na tipologia que distingue materialmente os tipos de imagem. Nesse caminho, a utilização da noção de cultura visual tornou possível superar a falta de um objeto próprio que se encontra esfacelado diante de uma divisão tradicional de história da arte, do filme ou do cinema, da fotografia etc., consequência de uma definição dos objetos visuais que poderia se chamar de positivista. É preciso, portanto, considerar duas perspectivas de gerais na definição de cultura visual: uma restrita e outra abrangente. Ambas se afastam na consideração sobre historicidade da cultura visual. Dito de outro modo: a primeira entende a cultura visual de modo restrito, na medida em que ela corresponde à cultura ocidental, marcada pela hegemonia do pensamento científico (Chris Jenks) ou na medida em que a cultura visual traduz, especificamente, a cultura dos tempos recentes marcados pela imagem virtual e digital, sob o domínio da tecnologia (Nicholas Mrizoeff); a segunda perspectiva, que abarca diversos autores, considera que a cultura visual serve para pensar diferentes experiências visuais ao longo da história em diversos temas e sociedades. (KNAUSS, 2006, p. 110-111).

O estudo da cultura visual caminha em direção a uma teoria da visualidade que tem como meta analisar o que é tornado visível, quem vê o quê e como vê; sem esquecer que nesse processo o conhecimento e o poder estão sempre inter-relacionados (Hooper-Greenhill, 2000). Parece que a nossa cultura está muito mais baseada naquilo que vemos do que no que lemos e, portanto, é necessário avaliar o ato de ver como um produto das tensões criadas pelas imagens externas e os processos mentais internos. (ARAÚJO, Camila. PAULA, Silas, 2010, p. 03)

Quando do advento da Cultura Visual, surge entre os historiadores um interesse em estudar a imagem para além do aspecto formal ou museológico, o que as leva para o meio das ciências sociais. Isso proporcionou alianças entre várias disciplinas que é o que chamamos de interdisciplinaridade, daí então despertam novas perspectivas de percepções particulares e maneiras de ver as imagens, ambas são modificadas pela experiência social e pelas maneiras de ver.

A renovação do interesse pelos estudos da imagem e da arte não afeta apenas a historiografia contemporânea. Ao contrário, envolve diferentes enfoques que se identificam com várias tradições disciplinares do universo das humanidades e das ciências sociais. Esse envolvimento contemporâneo com a interrogação sobre a imagem resultou na construção de um campo interdisciplinar de pesquisa que tem como objeto de investigação a cultura visual. Este campo, também chamado de estudos visuais, institucionalizou-se a partir dos Estados Unidos nos anos 90, no final do século XX. (KNAUSS, 2006, p.102).

Este novo interesse pelas imagens despertou a integração entre as disciplinas de cunho sociais e possibilitou que as imagens pudessem ser abordadas para além do campo da arte. De acordo com KNAUSS 2006, essa articulação entre as disciplinas implica numa variedade de experiências cotidianas dos indivíduos. Assim, supera-se os limites disciplinares anteriormente existente nos estudos da imagem.

As fotografias fazem parte cada vez mais da nossa vida enquanto indivíduos sociais. Prova disso são os meios de comunicações virtuais que abrem um leque de possibilidades de utilização da imagem fotográfica em diversas situações do cotidiano das sociedades contemporâneas.

É preferível, portanto, considerar a fotografia (e as imagens em geral) como parte viva de nossa realidade social. Vivemos a imagem em nosso cotidiano, em várias dimensões, usos e funções. O emprego de imagens como fonte de informação é apenas um dentre tantos (inclusive simultaneamente a outros) e não altera a natureza da coisa, mas se realiza efetivamente em situações culturais específicas entre várias outras. A mesma imagem, portanto, pode reciclar-se, e assumir vários papéis, ressemantizar-se e produzir efeitos diversos. (MENESES, 2003, p. 29).

Portanto a fotografia tem papel significativo no cotidiano. Os significados que possivelmente lhes sejam atribuídos dependem em muito de como são observadas, e de que maneira são postas em evidência por quem se propõe a trabalhar com este objeto de pesquisa. Dito isso, vale ressaltar que a fotografia é um instrumento vivo que faz parte de nossa realidade, tanto como uma fonte que pode nos transmitir informações como, por exemplo, seus usos nos meios culturais.

1.2 As formas de interpretação e construção das imagens através das fotografias

Os retratos são vistos como uma forma de representação que muito podem dizer tanto de quem faz o registro quanto de quem é registrado, desse modo o retratos são resultado de uma conversação entre o retratista e retratado, descrevendo assim quem são, onde estão e de quais instituições fazem parte. Nesses aspectos as fotografias se assemelham aos retratos dos quais fala Miceli 1996 na citação a seguir.

Os retratos constituem, antes de tudo, o fruto de uma complexa negociação entre o artista e o retratado, ambos imersos nas circunstâncias em que se processou a fatura da obra, moldados pela expectativa de cada agente quanto à sua imagem pública e institucional, quanto aos ganhos de toda ordem trazidos pelas diversas formas e registros de representação visual, enfim, quanto ao manejo dos sentidos que retratistas e retratados pretendem infundir, seja na própria obra, seja nos parâmetros de sua leitura e interpretação. (MICELI, 1996, p.18).

Miceli (1996) aborda ainda como os retratos são importantes no processo de construção e representações das imagens públicas das pessoas por estes revelarem a identidade dos retratados. Portanto, nesse ponto o autor destaca a importância de tornar as obras visuais, neste caso as fotografias como elementos que dão uma contribuição exclusiva no campo visual, contribuição esta que não pode ser reduzida às imposições dos participantes da obra. Para um melhor entendimento destes pontos vejamos a citação abaixo.

Conviria abordar e analisar estes produtos, em particular os retratos, como um repertório de informações indispensável para a compreensão dos projetos concorrentes de construção de uma imagem pública condizente com os níveis de investimento e consagração, bem como com as orientações artísticas e político-doutrinárias dos intelectuais e artistas do período. Trata-se, sem dúvida, de um empreendimento de mão dupla, ou seja, de um lado, os reclamos e apelos dos retratados com vistas à modelagem de imagens ajustadas às suas necessidades de afirmação erótica, estética e política, numa palavra, de todas as dimensões

mobiliadas pela existência social; de outro lado, a oferta de procedimentos, soluções e linguagens por parte do retratista. (MICELI, 1996, p.21).

A fotografia, portanto, com base nessa reflexão feita sobre os quadros, deve ser entendida como um elemento que contribui em grande medida na construção de identidades³ bem como na recuperação de informações que dizem respeito ao que ou a quem esteja fotografado e aos elementos constitutivos no processo de produção da mesma, uma vez que sejam submetidas a análises sociológicas, às quais propõem inúmeros questionamentos que instigam ao estudo destas.

É oportuno trabalhar com as fotografias no meio ao qual estão inseridas, neste caso com fotografias de Magalhães de Almeida feitas por alguém que faz parte das vivências sociais, culturais e religiosas que se dão na cidade, assim tornando possível estudar as realidades transformando-a em espaço de pesquisa.

1.3 A fotografia como forma de influência na consolidação de imagens imediatas

A fotografia tem em si a pretensão do fotógrafo, o que ele quer exibir ou ocultar na cena fotografada e estes são influenciados pelos meios sociais do qual o mesmo faz parte, suas concepções de mundo e entre outros. Para refletirmos sobre estes elementos, convém utilizar as perspectivas metodológicas que Baxandal usa para analisar os quadros.

Como bem discute Baxandall (2006), cada quadro tem em si elementos como: intencionalidade, contexto, encargo e diretrizes. Estes são determinados pela subjetividade de quem o produz, nesse sentido pode-se dizer que também a fotografia, que é o objeto de estudo aqui abordado, é constituída por estes elementos, os quais serão melhores explicitados

³A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critério de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Nessa construção da identidade - e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise - há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam u indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1922, p.5).

adiante. É também por meio destes que Baxandal afirma que é possível fazer a descrição de determinado quadro ou fotografia.

De acordo com este autor, a descrição de documentos históricos como a fotografia neste caso, é determinada pela forma de percepção subjetiva dos indivíduos, pela forma de olhar tais obras, estas formas podem variar de acordo com quem as observa e com o contexto social e cultural ao qual estejam inseridos. Quando nos deparamos com um quadro, segundo Baxandall somos instigados a lançar inferências a ele por meio da reflexão à qual nos propomos a fazer. Daí então é que este autor coloca que se deve levar em consideração que uma determinada fotografia ou quadro é fruto de uma ação humana, ação esta intencional, e somado a isso ele diz também que podem existir inúmeros tipos de causas que resultam em sua produção. Mas este, porém não é o nosso foco neste ponto.

Toda explicação elaborada de um quadro inclui ou implica uma descrição complexa desse quadro. Isso significa que a explicação se torna parte de uma descrição maior do quadro, ou seja, uma forma de descrever coisas nele que seriam difíceis de descrever de outro modo. Mas, se é verdade que a “descrição” e a “explicação” se interpenetram, isso não nos deve fazer esquecer que a descrição é mediadora da explicação. (BAXANDALL, 2006, p.32).

De acordo com Baxandal (2006), um quadro não é explicado por ele mesmo, mas é explicado por meio das observações possíveis de serem feitas a seu respeito. Isso também serve no caso das fotografias. Quando se faz uma determinada descrição sobre alguma fotografia, geramos todo um trabalho de reflexão que acontece a partir do momento no qual nos deparamos com a mesma. A descrição é feita pelo observador que se utiliza de palavras e conceitos para chegar à explicação.

Em primeiro lugar, uma descrição por ser um ato de linguagem, é feita de palavras e conceitos. Por isso a descrição é menos uma representação do quadro, ou mesmo uma representação do que se vê no quadro, do que uma representação do que pensamos ter visto nele. Em outras palavras, a descrição é uma relação entre o quando e os conceitos. Em segundo lugar, muitos termos cruciais numa descrição são um pouco indiretos, porque em vez de se referirem, antes de tudo, ao quadro como um objeto físico, referem-se ao efeito que eles produzem sobre nós, ou ainda às supostas causas de um objeto que produzisse em nós o mesmo efeito que o quadro. Em terceiro lugar, a descrição contém um sentido independente muito geral, e para especificar esse sentido é preciso que o quadro esteja presente. A descrição é um ato de demonstração – através do qual indicamos um aspecto que atrai nosso interesse – e funciona de modo ostensivo: o sentido se forma por um jogo de referência recíproca, um permanente vai-e- vem entre a própria descrição e o objeto particular a que ela se reporta. (BAXANDALL, 2006, p.44).

Trazendo a citação acima para a discussão sobre as fotografias, quando se fala em descrição, devemos atentar para este ponto em que Baxandall fala do efeito que os quadros podem provocar em quem os observa, do mesmo modo pode-se dizer sobre as fotografias,

este efeito, suponho, está para além do aspecto material do objeto, quando o observador faz uso de sua sensibilidade, quando o mesmo se deixa “invadir” pelo objeto, do mesmo modo acontece com as fotografias. O autor coloca ainda que a descrição é um ato de demonstração, de algum aspecto do objeto que chama a atenção.

Como já visto anteriormente, existem elementos que fazem parte da composição de um quadro e isso também se aplica às fotografias. O primeiro deles é a intenção, observe-se que toda obra tem em si alguns propósitos, isso se aplica tanto a quem produz quanto ao objeto. Nesse sentido Baxandall (2006), afirma que a intenção não é um estado de espírito o qual possa ser reconstituído, mas antes uma ação que o observador faz em relação ao objeto e a alguns elementos circunstanciais que permeiam o mesmo. A intenção é também definida por ele como uma construção mental em alguns casos. Esta, de certa forma, depende de conceitos e instituições nas quais o fotógrafo e a fotografia estejam inseridos. No caso aqui abordado, as fotografias dão sinais por meio de gestos, momentos, lugares, pessoas no meio ao qual se encontram no instante da fotografia, e por trás destes estão, as crenças, os dogmas, a fé. Logo, já fica claro o contexto ao qual fotografia e fotógrafo estejam inseridos.

Baxandall (2006), atenta para o cuidado quando nos dispomos a remeter intenções a um determinado quadro, pois para ele existe uma certa impossibilidade de reconstrução de um processo histórico de um estado de espírito e, em seguida, coloca que é mais seguro tentar compreender as condições em que surgem os objetos. Assim, também esses pontos se aplicam às fotografias que serão os objetos aqui analisados. É importante acrescentar que um dos enfoques que Baxandall dá quando se dispõe ao estudo das imagens é o enfoque histórico, que não se pauta, pura e simplesmente, na história da arte, quando faz referência a imagem pelo aspecto do belo. Vejamos o que ele diz sobre o quesito intenção em sua obra *Padrões de intenção – a explicação histórica dos quadros*.

Quando falo em intenção, não me refiro a um estado psicológico real ou particular, nem sequer a um conjunto de acontecimentos que tivessem se passado, em determinado momento, na mente de Benjamim Baker ou de Picasso, e à luz dos quais – se eu os conhecesse – poderia interpretar a ponte do rio Forth ou o Retrato de Kahnweiler. Penso, antes, numa condição geral de toda ação humana racional, uma condição que pressuponho quando organizo uma série de fatos circunstanciais ou exploro os termos do “triângulo de reconstituição”. Nessas situações, me parece correto falar em “intencionalidade”. A hipótese de fundo é que todo ator histórico e, mais ainda, todo objeto histórico têm um propósito – ou um intento ou, por assim dizer, uma “qualidade intencional”. Nessa acepção, a intencionalidade caracteriza tanto o ator quanto objeto. A intenção é a peculiaridade que as coisas têm de se inclinar para o futuro. (BAXANDALL, 2006, p.81).

De acordo com o autor acima citado, os objetos não estão soltos no tempo e no espaço, ao contrário, eles estão amarrados as intenções de quem o produz. O autor tem intenções, por exemplo, de transmitir ao observador determinados conceitos, mensagens, histórias, e isso de acordo com o ambiente que o mesmo se encontra, com algum momento da vida do mesmo ou de outras pessoas. As intenções podem até mesmo ser repassar experiências de vida. Tudo isso reflete no contexto social do autor.

O segundo elemento de análise Baxandal aponta como sendo o contexto. O contexto é sempre um fator de grande importância quando nos referimos a fotografias, pois este é influente tanto na produção da mesma quanto no processo de análise desta. Baxandall (2006), afirma no caso do encargo, que este não tem forma, mas que estas começam a surgir a partir das diretrizes. Ele mostra que elas, as diretrizes, tem três aspectos importantes de serem apresentados aqui apenas a cargo de conhecimento desses pontos.

É por meio destes elementos mencionados acima, e que se aplicam também às fotografias que se revela a subjetividade dos fotógrafos, quando estes lançam olhares sobre determinada realidade em foco, sobre os aspectos sociais, culturais e históricos das mesmas. Não esqueçamos que uma fotografia não existe pura e simplesmente ao acaso, existem sempre algumas pretensões em relação a elas. Refletir acerca da fotografia e tentar perceber na fotografia elementos que estão para além da imagem fotografada.

Portanto, decifrar o que se esconde por trás do visível (e do fotografável) continua sendo um desafio para os cientistas que se documentam com expressões visuais da realidade social. Um desafio, sobretudo, de natureza metodológica. Talvez as coisas fiquem um pouco mais fáceis se pudermos lidar com a documentação visual, especialmente com a fotografia, enquanto meio de compreensão imaginária da sociedade e abirmos mão, de vez, da ilusão de haver na fotografia um documento socialmente realista e objetivo. (MARTINS, 2008, p. 224)

Martins atenta para a importância de perceber na fotografia a possibilidade de compreender a sociedade por meio do imaginário, identificando-a como um documento que não é fechado, que não é objetivo e sim que está propenso aberto a reflexões, a atribuições de quem sobre ela se propõe a estudá-la.

2 ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: Magalhães de Almeida e sua relevância para a formulação de um acervo pessoal.

2.1 De vila a cidade: um breve histórico de Magalhães de Almeida

Magalhães de Almeida é um município do Estado do Maranhão. De acordo com estimativas do IBGE para 2017, sua população está avaliada em 19.779 habitantes. A sede desta cidade está localizada a 3.39° de latitude sul e 42.2° de longitude oeste. Seus limites estão entre os municípios de Araiões e São Bernardo e a mesma pertence a zona fisiográfica do baixo Parnaíba. Magalhães de Almeida está localizada no Leste Maranhense. Sua área é de área de 433, 152 km² de acordo com dados do IBGE em 2016.

Mapa 1 – Mapa do Maranhão. A distância de Magalhães em relação a capital do estado, São Luis, é de 409km em média. Magalhães possui apenas escolas públicas e não tem relação com os municípios vizinhos.

local no qual havia um morro e lá ancorou sua embarcação e construiu sua moradia ao lado esquerdo deste mesmo rio.

O autor do livro citado acima conta que só com a chegada de Benedito Romão de Sousa, Manoel Vasconcelos Leão e outras pessoas em 1918 é que foram feitas novas construções, dentre elas uma capela para cultos religiosos e entre outros. Naquela época a região era chamada de FURO⁵, em seguida em homenagem ao padroeiro do lugar passou-se a chamá-la de PORTO DE SANTO ANTÔNIO⁶. Em 1925 foi categorizada como vila pelo decreto do governador José Maria Magalhães de Almeida, daí em diante o nome do município foi denominado Magalhães de Almeida. Pela Lei N°771 de 1° de outubro de 1952, o município foi desligado parte de São Bernardo e de Araiões.

Lei nº 771 de 1º de Outubro de 1952. Cria o Município de MAGALHÃES DE ALMEIDA e dá outras providências. O Governador do Estado do Maranhão, faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei: **Art. 1º** - Fica criado o Município de Magalhães de Almeida, constituído do distrito Trincheiras, desmembrado do Município de São Bernardo com as linhas divisórias fixadas nesta Lei. **Art. 2º** - O Município de Magalhães de Almeida ficará elevado à categoria de termo subordinado à comarca de Araiões. **Art. 3º** - É elevada à categoria de cidade com a mesma denominação e convertida em sede de Município de Vila de Magalhães de Almeida e à categoria de Vila o povoado de Trincheiras, com a denominação de Custódio Lima (<http://www.camarademagalhaesdealmeida.ma.gov.br/cidades/cidades/>)

Observa-se nesta citação a Lei que decretou a criação do Município de Magalhães de Almeida, onde a mesma a partir de então perde a ligação com a cidade de São Bernardo e passa a depender da comarca de Araiões. Em seguida passou a ser considerada cidade mantendo ligação agora com o povoado Trincheiras, um interior da cidade. Com isso Magalhães ganha independência em relação aos lugares aos quais antes era subordinada.

As principais atividades comerciais que predominavam no município em seus primórdios eram a extração da cera de carnaúba, a agricultura e a pecuária. A pesca, uma das principais atividades, era praticada mais como uma forma de subsistência, para as famílias se alimentarem. O município importava açúcar, café, sabão, bebidas e entre outros, assim mantinha relações com a cidade de Parnaíba – PI e Fortaleza – CE. Com a chegada de Benedito Romão de Sousa, o fumo e o algodão destacaram-se como principais produtos

⁵Conta-se que um senhor que morava às margens da Lagoa do Bacuri em consequência de uma enchente saiu em busca de um lugar para erguer sua moradia e quando encontrou um morro próximo ao Rio Parnaíba disse: “vou fazer aqui um Furo”. Lá ele construiu sua casa e o nome do lugar ficou FURO.

⁶O primeiro santo a ser festejado neste lugar foi Santo Antônio. Por isso nome do lugar mudou de Furo para Porto de Santo Antônio. Um outro motivo também era que próximo ao local do festejo existia um porto onde paravam as embarcações no rio.

agrícolas. Magalhães de Almeida também teve nos anos seguintes o cultivo do feijão e arroz, como maior produção agrícola, estes foram cultivados nas terras de José Gonçalves Costa (Zezú), Francisco das Chagas Silva Castro (Chico Tobias), Maridé Coelho de Almeida, (Maridé) e Darço Almeida (Terra de Santo Agostinho). À medida que as pessoas iam chegando a Magalhães, se desenvolvia um processo de ocupação das terras antes inabitadas, em consequência começou a ocorrer a exploração das mesmas no sentido de produção e cultivo de especiarias que serviam como sustento e que também viabilizavam comércios. Por exemplo: se um fazendeiro tinha uma grande quantidade de açúcar, este poderia trocá-lo pela mão de obra de um trabalhador que se dispusesse aos seus serviços, o pagamento era feito com os produtos de que o fazendeiro dispunha. Nesse período, estes produtos eram transportados e exportados para outras localidades pelos cursos do Rio Parnaíba, um dos transportes que ganhou destaque foi uma lancha que fazia viagens a Parnaíba, era chamada de “Lancha da Madalena” esta transportava tanto as pessoas como as mercadorias. Atualmente as formas de transporte se refinaram e facilitaram o acesso aos principais centros urbanos tais como: Teresina, Parnaíba, Luzilândia e entre outros por vias rodoviárias.

Ao longo da história deste município, a maior atividade era a pesca acompanhada da agricultura de subsistência, mas com a chegada de Benedito Romão de Sousa, a produção de fumo e algodão se destacaram, tornando-se os principais produtos agrícolas. Dez anos depois de sua chegada, Benedito Romão, mandou buscar alguns parentes oriundos da cidade de Buriti dos Lopes do Estado do Piauí, para ajudá-lo nos seus negócios. (BEZERRA, 1999, p.9)

Observa-se aqui como aos poucos a cidade foi se desenvolvendo e criando novas formas de sobrevivência. Novas pessoas foram trazidas à cidade para ajudarem com suas mãos de obra na produção agrícola.

Entre esses parentes podemos citar: Os senhores, José Pereira Neto (Zeca Binga), José Fábio Diniz (cazuza), Benedito Fábio Diniz (Bidoca) Pedro Escórcio da Silva, Joca Silva, João Francisco Gomes, Vicente Correia Lima, Pedro Correia Lima e outros. (BEZERRA, 1999, p.9)

Todos os nomes, além de serem considerados homens de confiança de Benedito Romão de Sousa, são para os Magalhenses, os pioneiros na construção familiar da cidade. O autor descreve a história de Magalhães narrando como se deu o processo de evolução, percebiam, ele faz isso com certo romantismo. Se mostrando ser um tanto memorialista, contando a história sem fazer análises da mesma.

Comentam seus empregados, que o senhor Benedito Romão de Sousa não foi para Magalhães de Almeida, somente um grande comerciante e sim o pai do progresso, pois com a saída do mesmo para a Coroa de São Emílio, (povoado do município de Buriti dos Lopes), o desenvolvimento ficou difícil. Mudou tudo; as produções de fumo e de algodão foram embora, o movimento de embarque e desembarque deixaram saudade, aos portos de Santo Antônio, Perebral, Jatobá e Cainagua, saudade, saudade! (BEZERRA, 1999, p.09)

Outra pessoa importante na história de Magalhães de Almeida foi o senhor Maridé Coelho de Almeida, que nos anos de 1963 se tornou proprietário das terras que eram do senhor Manoel Pires de Castro e as transformou na Fazenda São Jorge, fazenda esta que por muito tempo foi a matriz leiteira do município, as terras eram férteis e tiveram grande importância para a agricultura do município, a fazenda também lidava com a criação de animais puros.

Hoje esta Terra fértil é uma das mais importantes para a agricultura local. A mesma beneficia quase 80%, da população. A Fazenda São Jorge é uma matriz leiteira do município. Oficialmente o Fazendeiro Maridé Coelho de Almeida e sua família chegaram na data de 27 de dezembro de 1964.

Ressaltamos que, o Senhor Maridé acreditou e acredita no progresso desta cidade. Exemplo: sempre se dedicou na resolução dos problemas que afeta a comunidade, sabemos também que esta fazenda, foi pioneira na criação de animais puros. Destaque: Equinos, cavalos mangalarga e quarto de milha, bovinos PO, e búfalos. (BEZERRA, 1999, p.09)

Percebe-se que a pessoa citada contribuiu em grande parte para o desenvolvimento local investindo em leite e animais para exportação e consumo. O Sr. Maridé também teve influência nos assuntos que diziam respeito à política. Assim, foi considerado uma pessoa de prestígio em Magalhães de Almeida.

2.2 Entre festas, vivências e Religiosidades: os festejos e a vida cotidiana de Magalhães de Almeida.

A cidade é um espaço onde se dão as relações e as vivências entre as pessoas que a compõem e é também nela que as mesmas constroem suas trajetórias de vida, e nos dão acesso a estas por meio de seus relatos. A cidade, desse modo é um lugar onde se tem um leque de elementos que podem ser estudados, neste caso elementos que tratam sobre as memórias e as histórias de vida de um povo. Foi por meio dos depoimentos dos entrevistados que se tornou oportuno utilizar o método da história oral neste trabalho, pois a mesma se aplica a este modo de pesquisa.

A história oral, no trabalho com a população, tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes. Nesse sentido, as entrevistas permitem instituir um novo campo documental que, muitas e muitas vezes, tem-se perdido com o falecimento de seus narradores. A vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo, o trabalho adquirem um novo estatuto ao serem socializados. Transformam-se em documentos apresentando um retrato da realidade, que passa a disputar a hegemonia do imaginário social com outras versões/representações construídas de outros lugares e por outros interlocutores. (MONTENEGRO, 1994, P.26-27).

Eis a importância de utilizar aqui os depoimentos dados pelos entrevistados, estes se encaixam na História Oral uma vez que quando as pessoas falam estão recuperando histórias, acontecimentos passados e fazendo-os vivos na história. Coletar e analisar tais depoimentos é uma forma de documentar as experiências vividas e refletir sobre como estas podem contribuir no âmbito social e histórico.

Quando se trata de memória estamos nos referindo a uma memória à qual pode-se dizer que tem como foco a participação dos indivíduos em acontecimentos ou fatos históricos que marcaram uma determinada sociedade. Vale ressaltar que para a História Oral o interessante não é simplesmente o passado em si, os fatos ocorridos, mas a forma como as memórias são construídas e reconstruídas.

Quase contemporânea da história das mentalidades, a emergência da “memória coletiva” no campo histórico contribui para assentar a História Oral em toda a sua complexidade, a de uma história “longa” da memória com passado “recomposto”, particularmente graças à reflexão de Michael Pollak sobre a função do testemunho entre os egressos dos campos de concentração, “das palavras que matam” entre os nazistas, e às numerosas pesquisas sobre o mundo judaico e o “silêncio da memória” (Nicole Lapiere). Trata-se mesmo de construir uma história, nunca escrita, da opressão de massa, e mais ainda, talvez, quando depois das bocas, abrem-se os arquivos, de reconstruir uma consciência, isto é, uma memória. (TREBITSCH, 1994, p.35,39)

De acordo com MONTENEGRO 1994, à medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os seguimentos populares têm das suas vidas e do mundo ao seu redor.

Os depoimentos divulgados começam a criar uma outra referência histórica, cultural, que até então estava circunscrita apenas a sua própria classe, pequenos grupos de amigos e familiares. A vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo, o trabalho adquirem um novo estatuto ao serem socializados. Transformam-se em documentos apresentando um retrato da realidade, que passa a disputar a hegemonia do imaginário social com outras versões/representações construídas de outros lugares e por outros interlocutores. A diferença significativa é que a fala, a história, a representação não estão deslocadas do sujeito. (MONTENEGRO, 1994, p. 27).

Na citação acima fica evidente a grande importância dos depoimentos para este trabalho, pois são estes que embasam toda uma história da cidade que está sendo aos poucos envolvida neste trabalho, fazendo assim essa relação entre fotografias e depoimentos com a história de Magalhães de Almeida. Os depoimentos são parte fundamental porque além de os entrevistados falarem da história de Magalhães eles revelam um pouco de suas vivências, de suas experiências, nos permitindo assim uma viagem pelo passado mesmo estando num momento presente. Assim faz-se uma recuperação e preservação da memória, esta última a fazemos por meio de trabalhos escritos como este.

Magalhães de Almeida não muito diferente de outras cidades passou por um processo de desenvolvimento em vários aspectos desde o seu início quando era conhecida apenas como uma vila, isso por conta da quantidade ainda pequena de pessoas que a povoavam o lugar. Com o passar dos anos, após a chegada de novas pessoas esse desenvolvimento foi acontecendo e a mesma passou a ser considerada como uma cidade. D. Bernarda Alves da Rocha, 82 anos de idade é dona de casa, analfabeta, aposentada, atualmente é viúva. A mesma é natural de um interior do Piauí chamado saco, veio para Magalhães por conta de que seu pai comprou alguns lotes para que construíssem suas moradias e habitarem no município. Em seus relatos sobre os primórdios da cidade D. Bernarda⁷ enfatiza:

- ah! Aqui era muito pequeno, tão tal que chamavam aqui era furo, que diz que a pessoa que chegou aqui não tinha ninguém, o primeiro que chegou dizem que disse: “vou fazer aqui um furim” e aí fizeram aquela igreja, a igreja de Santo Antônio, bem na beira do rio, aí ficou o nome por furo. Com muitos anos foi que mudaram pra o nome Magalhães de Almeida. As casas eram pouquinhas, uma aqui e outra acolá, mas aí depois que o povo foi chegando e fazendo suas casas e de pouco em pouco foi crescendo o nosso lugar. (Bernarda Alves da Rocha em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 07 de Dezembro de 2017 às 19:30hs)

No trecho acima D. Bernarda fala de como se deu o descobrimento do local onde ela e tantos outros resolveram fincar suas moradias. E nos dá detalhes de um dos primeiros alicerces feitos no lugar: a igreja de Santo Antônio, localizada nas margens do Rio Parnaíba. À medida que foram chegando outros moradores o Furo foi se desenvolvendo social e economicamente, em seguida a mesma recebeu o nome de Magalhães de Almeida em 1925.

Há mais ou menos 20 anos atrás as pessoas que nesta cidade residiam enfrentavam muitas dificuldades quanto à questão de acesso à educação, pois não existiam recursos

⁷Bernarda Alves da Rocha, 82 anos de idade, é dona de casa, analfabeta, aposentada, atualmente é viúva. A mesma é natural de um interior do Piauí chamado saco, veio para Magalhães por conta de que seu pai comprou alguns lotes para que construíssem suas moradias e habitarem no município. Mora há 66 anos em Magalhães de Almeida e faz parte da família Constâncios.

suficientes para que se tivesse acesso aos estudos. Quando alguém decidia estudar algo a mais era necessário se locomover para outras localidades, por exemplo, para Luzilândia que era uma das cidades que dispunham de mais opções de estudo. Nesse tempo ainda tinha mais uma dificuldade, que era a questão de como se transportar para essas outras localidades. Sobre as estes assuntos D. Maria dos Remédios⁸ revela:

-Em minha infância estudei na cidade de Luzilândia até o primário, quando eu cheguei aqui em Magalhães em 1974, já era casada e já tinha meus filhos. Existia no tempo o projeto “Minerva”⁹, que era o ginásio em 15 meses, eu a convite da Rosário do Mariano, que era professora, criei ânimo e fui participar desse projeto. De minha infância eu guardo muita coisa boa, meus pais moravam no interior, mas me puseram pra estudar na cidade, a cidade mais elevada era Luzilândia, onde tinha as melhores escolas. Estudei no grupo escolar João Francisco. Minha infância foi maravilhosa. Meus pais tinham uma dedicação muito grande por mim. Do interior pra me levar para a cidade o transporte era de cavalo, meu pai ia me deixar a cavalo lá no dia 29 de fevereiro porque no dia 1º de março as aulas começavam. (Maria dos Remédios Oliveira Sales Araújo em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 11 de Dezembro de 2017 às 16:00hs)

Sobre este ponto referente às oportunidades de estudo, percebe-se uma diferença significativa na fala dos entrevistados que por vezes, evidentemente tiveram experiências diferentes, pois suas realidades e contexto divergiam em muitos aspectos. D. Bernarda Alves da Rocha de 82 anos de idade se expressa sobre este assunto dessa forma:

-Eu não estudei em paragem nenhuma, de jeito nenhum. Nós morava no interior, nós chorava pra ir pra escola, mas naquele tempo as coisas eram muito difíceis... Um tio meu foi me buscar pra estudar aqui, mas papai não deixou, disse que não ia botar a filha dele na escola pra não escrever pra homem. (Bernarda Alves da Rocha em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 07 de Dezembro de 2017 às 19:30hs)

Analisando um pouco essa fala de D. Bernarda Alves fica evidente como as famílias tratavam as filhas com um certo resguardo, em especial na pessoa do pai, nesse caso, as mulheres não poderiam ir à escola pra que evitassem que de alguma forma não se comunicassem com os homens pelos quais porventura despertassem algum interesse. Percebiam, isso era problemático, porque se por um lado elas não podiam falar com os homens, por outro elas também não aprenderiam ler e escrever, se tornando assim pessoas

⁸Maria dos Remédios Oliveira Sales Araújo, 71 anos, já professora e enfermeira na carreira profissional. Atualmente é dona de casa. Há 43 anos mora em Magalhães de Almeida e faz parte da família Sales. Durante toda sua vida participou ativamente do catolicismo, foi catequista, ministra da Sagrada Eucaristia e atualmente é coordenadora da comunidade Sana Teresinha.

⁹O projeto minerva foi criado em meados de 1970 na tentativa de solucionar alguns problemas educacionais era o ginásio em 15 meses, (este projeto se desenvolvia de outras formas tais como rádio e televisão). Foi um projeto trago pelo governo e acontecia nas cidades em que o município aceitava após ter sido lançado a proposta. Alguns professores do próprio município davam aula neste projeto, era uma só turma formada por muitos alunos.

analfabetas na sociedade. É interessante tocar neste assunto porque este caso é similar ao de tantas outras mulheres que viveram em tal época.

Um outro caso no qual se pode identificar a falta de oportunidades em relação à educação, é do que relata o Sr. Francisco Alves de Oliveira¹⁰, ele fala sobre a precariedade nos modos de vida nos primórdios da cidade e descreve como era sua vida diária.

- há 20 anos! Eu não tenho bem lembrança. Já tinha luz, tinha água, de vinte anos pra cá já tinha. A cidade era bem simples, aqui não tinha era nada, de lá pra cá melhorou muito. Nesse tempo era só brincadeira de lexa, de correr atrás um do outro, se esconde atrás do mato, não tinha divertimento. Eu só estudei o primário aqui mesmo, na escola Nazaré Ramos. Quando eu era pequeninim eu me sentava perto do papai e da mamãe aqui, aí escurecia e não tinha luz, não tinha água, não tinha uma carroça, não tinha uma bicicleta, não tinha nada. Era muito atraso. Aqui num tinha divertimento não, só a festa de janeiro, era na igreja de Santo Antônio. Eu me lembro que no festejo era chamada a orquestra de Buriti dos Lopes que aqui num tinha, a banda vinha, tocava a festa toda, o programa era esse: tirar jóia, fazer leilão, fazer batizado e casamento no dia da última noite. Sempre tinha uma comissãozinha que arrumava as coisas do festejo. Santo Antônio era o padroeiro mais a festa grande era de São Sebastião. (Francisco Alves de Oliveira em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos no dia 08 de Dezembro de 2017 às 18:50hs)

Observa-se que este entrevistado destaca um grande atraso que existia na cidade, tanto nas condições básicas, como água e luz, quanto na questão financeira, pois não existiam sequer meios de transporte que pudesse suprir as necessidades. Ele coloca ainda que não existiam movimentos para as pessoas se divertirem, apenas o festejo de São Sebastião no mês de Janeiro.

Quando se trata da religiosidade de Magalhães de Almeida, a cidade tem como padroeiro Santo Antônio, porém o festejo que ganha maior destaque e que atrai mais fiéis para comemorar é o festejo de São Sebastião que acontece no mês de Janeiro. Inicialmente em Magalhães existiam apenas duas igrejas católicas, a Igreja de Santo Antônio que fica em uma praça que também leva o nome do santo e a Igreja Mãe do Salvador, localizada na Avenida Getúlio Vargas, atualmente a cidade está povoada de várias capelas que podem ser vistas como ramificações destas duas igrejas. Em Magalhães também houve a fundação de uma igreja protestante que existe até os dias atuais, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus que ocorreu nos anos de 1942.

Atualmente ambas as religiões citadas acima tem vários outros templos espalhados pela cidade. No caso da católica estes templos se dividem entre as comunidades que são formadas pelos bairros da cidade. Estas podem ser vistas como ramificações da igreja matriz, cada comunidade faz um festejo em honra a um determinado santo, tem-se, por exemplo, a

¹⁰Francisco Alves de Oliveira, 88 anos de idade. Faz parte da família Oliveira No decorrer de sua vida trabalhou como lavrador e também como comerciante.

Comunidade Santa Teresinha que celebra a festa desta santa. Estes festejos acontecem de forma bem dinâmica promovendo a integração dos fiéis, é notável o empenho das comunidades para que as festas se realizem das melhores formas.

Na cidade de Magalhães de Almeida, as festas religiosas mais importantes são: os festejos de Santo Antônio e de São Sebastião, este último se realiza no mês de Janeiro e o primeiro no mês de junho em todos os anos. Os festejos acontecem como uma manifestação de fé e devoção, onde a comunidade se dispõe a participar dando suas contribuições e acreditando na intercessão dos santos nos pedidos que rogam a Deus para que se realizem. A comunidade celebra missas em honra a estes santos em especial e participa desde os primeiros festejos de forma ativa, tanto na organização das missas quanto nos atos de fé. O festejo de São Sebastião foi sempre e ainda é o que atrai um maior número de fiéis. Isso fica evidente quando fala D. Maria de Nazaré:

- Naquele tempo atrás não era realmente a cidade, ela ainda não tinha passado a cidade, era um povoado, uma vila e os festejos eram melhores que agora, apesar que eram menos pessoas era um festejo muito animado e que parece que o pessoal eram mais católico do que hoje, tinha uma participação mais ativa, tinham mais convicção pra igreja e tinham mais ideias. Se contratava uma bandinha de fora e quando não tinha dinheiro pegava o Sr. Bernardo Soares, ele era um rapaz daqui que tocava clarineta, e traziam um rapaz de Trincheiras pra tocar uma sanfona. Às vezes vinha uma banda de Buriti dos Lopes, a festa rendia, era uma animação. Todos os dias no período do festejo se ia nas portas de cada uma das pessoas da cidade pedindo joias e a bandinha tocando atrás. E assim a gente arrecadava bastante joias e assim era até dar as nove noites. O principal festejo era São Sebastião, toda vida foi, apesar que Santo Antônio que é o padroeiro, mas sempre ele ficou atrás de São Sebastião. Era feito com as bandinhas de música, os encarregados era minha família aqui, era o S. Chico Rita, minha avó, minha irmã Lourdes Binga eram estes que se encarregavam e com o passar dos anos esse povo foi embora, a idade chega e a gente não tem mais pique pra essas coisas. (Maria de Nazaré dos Silva em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 09 de Dezembro de 2017 às 16:30hs)

D. Maria de Nazaré aponta que antigamente as pessoas se dispunham com mais gosto pelas festividades da igreja, que as coisas eram mais organizadas. Por meio de sua fala ela deixa transparecer que com o passar dos anos o povo parece que foi perdendo a fé, quando ela fala: “parece que o povo era mais católico do que hoje...”.

Um outro tipo de festa também é celebrado na cidade e tem grande destaque. As festas profanas acontecem na cidade no mesmo período do festejo de São Sebastião, essas festas acontecem nos clubes e nas praças, algumas destas patrocinadas pela prefeitura e outras particulares. Isso existe desde quando a cidade começou a fazer eventos culturais. Sobre esse tipo de festa, em entrevista D. Maria de Nazaré fala como elas se davam antigamente.

Tinham as festas no Magalhense Clube, mas não era festa pra todo mundo não, tinham os convidados, se você não fosse convidado você não entrava. Se a moça fosse falada não entrava. Naquela época não se podia pegar nem na mão do

namorado. (Maria de Nazaré dos Silva em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 09 de Dezembro de 2017 às 16:30hs)

Vejam, nessas festas não eram todas as pessoas que podiam participar, apenas uma pequena parcela da população, apenas os que recebiam convite. Então isso gerava uma divisão social, uma hierarquização entre as pessoas. Outro elemento importante que a entrevistada aponta era que a mulher para que pudesse participar, deveria ser de boa família e ter uma boa reputação, caso contrário, não podia participar. Com o passar dos tempos esses modos foram sendo superados e atualmente as festas acolhem a todos os que desejam participar.

Um evento de grande porte atualmente nesta cidade é o arraial, denominado “Arraial Nossa Gente”, por meio deste evento são evidenciados os costumes da cidade e os modos de viver dos moradores, tais como: a caça, a pesca, a agricultura e entre outros, utilizados apenas como modo de sobrevivência. O arraial há alguns anos acontecia no mês de Junho, só que com o passar dos anos, com o intuito de atingir um maior número de público, passou a ser realizado no mês de Julho, pois é quando normalmente as pessoas estão no período de férias e tem maiores possibilidades de virem a participar. Sobre este evento, Edivan da Silva¹¹ frisa:

- Os arraiais também aconteciam de forma mais tradicional, com direito a piso de terra, com direito a palmeiras, tinham muitas quadrilhas juninas tradicionais que participavam, porque hoje está bem mais estilizado e quem organizava na época era a prefeitura já, e também o secretário de educação e cultura, na época que as duas secretarias eram conjugadas, no tempo do primeiro arraial. Isso eu estou me referindo ao arraial do município, que começou em 2007, não lembro bem do corpo que organizava porque eu não trabalhava nessa época, mas o organizador, o presidente da comissão organizadora sempre era o secretário Antônio José Ribeiro. Sobre a intenção dos organizadores... primeiramente, a gente pensa num tema bem cultural que às vezes ta um pouco esquecido, a gente tenta resgatar, o tema serve também de campanha de preservação, como a gente fez uma vez com o Rio Parnaíba, que na verdade foi uma campanha de preservação e os outros temas são homenagens, como ao vaqueiro, ao lavrador, ao pescador, que são profissões locais, profissões nordestinas que a gente tenta resgatar a valorização desses profissionais, dessas profissões, desses temas culturais mais voltados para a cultura nordestina. As atividades acontecem de forma cultural, apresentações, por exemplo: a decoração, a gente tenta fazer da forma mais artesanal possível e as apresentações nós procuramos tanto as locais como as regionais, que também trazem temas educativos e culturais para a população. (Edivan da Silva Santos em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 07 de Dezembro de 2017 às 10:50hs)

Nesta fala do atual secretário de cultura percebe-se a forma como a equipe de cultura organiza o arraial, buscando preservar aspectos culturais da cidade. De certa forma, em sua fala também podemos ver que ele exhibe os trabalhos feitos pelos mesmos, que segundo ele são trabalhos manuais, ideias originais e únicas.

¹¹Edivan da Silva Santos, 39 anos de idade, é formado em pedagogia. Mora há 28 anos em Magalhães e faz parte da família Alencar. Atualmente é o secretário de cultura da cidade.

Sobre o arraial D. Bernarda expressa:

Os primeiros arraial eu nem me lembro, eu morava aqui pra baixo, mais as meninas saíam era em muita quadrilha. Aconteciam alguns no largo da igreja, alguns depois era em frente da praça Paulo Gomes, por ali. Os arraial era enfeitado só daquele papelim de toda cor, só era no tempo do São João, só no mês de junho. Nesse tempo era só os pessoal daqui do lugar que se apresentava, num vinha gente de fora não. Nesse tempo não era como hoje não. Só fazia enfeitar o lugar deles brincarem, nesse tempo aqui era mais fraco. Quem organizava era as pessoas mesmo. Na brincadeira das quadrilhas tinha muita brincadeira que a gente ria de mais! [...] mas as quadrilhas daquele tempo eram mais bonitas do que as de agora, quando era na hora de entrar, a música até me lembro: “... pede homenagem a São João”. Ô mais era muito bom! (Bernarda Alves da Rocha em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 07 de Dezembro de 2017 às 19:30hs)

D. Bernarda apesar da idade, busca vagamente se lembrar dos arraiais, aos poucos vai recordando de como estes aconteciam, onde aconteciam e quem organizava, ao final nos dá detalhes de parte da decoração, “era enfeitado daquele papelim”. Ela mostra uma imensa satisfação nos tempos de arraiais, fala que eram dias em que as pessoas se divertiam sorrindo das brincadeiras de quadrilhas.

Essa festa de certa forma tomou uma grande dimensão e de acordo com algumas pessoas atrai uma quantidade bem maior de pessoas de outra cidade para participarem do mesmo do que do próprio festejo de São Sebastião. Vejo o Arraial Nossa Gente como um espaço no qual é possível um conhecimento da cultura e da história de Magalhães de Almeida e ao mesmo tempo o enxergo como um evento que promove o divertimento das pessoas por meio das festas dançantes, das comidas típicas apresentadas e pela própria ornamentação do ambiente onde o mesmo acontece. Os relatos dos entrevistados dão uma visão panorâmica sobre a cidade de Magalhães de Almeida em seus primórdios e como se deu o seu desenvolvimento. Os depoimentos permitem recuperar por meio da memória aspectos que registros escritos talvez tenham deixado se perder no tempo. Essa é então a função dos depoimentos, rememorar e transmitir acontecimentos passados por meio da fala.

Portanto quando alguém se dispõe a ouvir tais histórias, contadas por meio deste processo ao qual podemos chamar de rememoração¹², temos a oportunidade de participar destas por meio das memórias lembradas e expostas a nós de forma que nos leva ao passado fazendo-o presente e vivo em nós, isso porquê somos uma sociedade que pensa estes

¹² Rememorar, não esquecer é apresentado como um dever pessoal dirigido a cada um de nós. Mas uma tal memória não é transmissão, mas reconstrução: história. Um passado imprevisível significa algo mais: novas questões a colocar ao passado e, se possível, novas respostas de sua parte, [...]. [...] devemos restaurar alguma forma de comunicação entre presente, passado e futuro, [...]. (HARTOG, 1996, disponível em <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>>).

acontecimentos por meio de imagens que estão fotografadas em nossa mente. MONTENEGRO 1994 afirma: Rememorar discussões e acontecimentos é também ensinar aos ouvintes como enfrentar situações semelhantes; um convite à participação na história, ao acompanhamento, ao forte envolvimento no que está sendo contado.

3 AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS CONTAM HISTÓRIAS: o festejo católico de São Sebastião e a festa da Mãe do Salvador em Magalhães de Almeida pelas lentes de Raimundo Olinda dos Santos Filho.

Os festejos dedicados aos santos são formas que a igreja encontrou de celebrar a vida e as obras de fé de tais pessoas festejadas, e o que fizeram no decorrer de suas vidas, assim estes são usados pela igreja como exemplos a serem seguidos. No caso de São Sebastião, o mesmo foi considerado santo porque mesmo nos momentos mais difíceis ele não negou sua fé em Cristo. No caso da Mãe do Salvador, esta foi considerada santa por ter sido escolhida para por Deus conceber em seu ventre Jesus.

Assim, fazer registros fotográficos de tais pessoas que representam a fé e a devoção no catolicismo é uma forma de convite aos expectadores a participarem das realidades representadas, mesmo que apenas a cargo de conhecimento.

Raimundo Olinda dos Santos filho em suas fotografias expõe aspectos de ambos os festejos, Mãe do Salvador e São Sebastião, estes de grande prestígio, pois tem participação ativa e fervorosa dos fiéis. Cabe ressaltar que o fotógrafo é profundamente religioso, desde a infância até o presente momento. Inclusive já foi Ministro da Sagrada Eucaristia¹³, cantor, entre outras funções. O acervo fotográfico de Raimundo Olinda dos Santos Filho é uma fonte de pesquisa valiosa, mostra em suas fotografias momentos de atos de fé e de representação da mesma. Por vezes também mostra pessoas que expressam por meio da fé o apreço e satisfação na busca pelo divino na esperança de que seus problemas sejam solucionados.

Fotografia dos “atos de fé”, numa situação social e religiosa como a brasileira, bastante permeada por significações e orientações sociais marcadamente milenaristas ou messiânicas, o que é especialmente claro no caso do profetismo de Padre Cícero, não pode ser “lida” e interpretada sem referência à dimensão utópica que lhe é própria. (MARTINS, 2008, p. 74).

Reflexões acerca deste tipo de fotografias devem estar ligadas aos ideais da igreja, que pregam que as pessoas devem buscar a Deus na esperança de alcançar a terra prometida, uma vida de bonança, onde reinará a paz. Os significados são atribuídos de acordo com o contexto social e religioso.

As fotografias demonstram indivíduos que encontram na fé uma forma de paralisar os problemas que enfrentam na terra, acreditando assim alcançar estados de paz, prosperidade e bem-estar. É interessante perceber que este fotógrafo busca também observar por meio de suas lentes fotográficas a manifestação divina sobre as pessoas e como elas prostram de

¹³Aquela pessoa que manuseia a hóstia consagrada e dá aos fiéis com o consentimento do Padre.

coração aberto, entregando suas lutas e suas vitórias em oração ao divino. De acordo com a citação acima para interpretar este tipo de fotografias é necessário levar em consideração o um Ser que é intocável pelas mãos humanas, mas que se deixa ser sentido pela sensibilidade. Tal questão pode ser observada nas propostas de construção das imagens, de estabelecimento do foco, de escolha dos momentos, de projeção da importância dos festejos para além dos limites geográficos das igrejas e instantâneo das fotografias.

A importância e a simbologia destes Festejos não se restringe apenas às formas de observação do fotógrafo, ao contrário, expande-se a todo um universo social diverso que se mantém unido na manifestação da fé e da presença constante nos festejos citados, o que fica evidente nos depoimentos colhidos e no volume de fiéis presentes a cada ano.

Sobre o Festejo de São Sebastião¹⁴ que acontece em Magalhães, D. Maria de Nazaré¹⁵ coloca:

O principal festejo era São Sebastião, toda vida foi, apesar que Santo Antônio que é o padroeiro, mas sempre ele ficou atrás de São Sebastião. Era feito com as bandinhas de música, os encarregados era minha família aqui, era o S. Chico Rita, minha avó, minha irmã Lourdes Binga eram estes que se encarregavam e com o passar dos anos esse povo foi embora, a idade chega e a gente não tem mais pique pra essas coisas. (Maria de Nazaré Silva em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 09 de Dezembro de 2017, às 16:30hs)

Fica claro que o festejo de São Sebastião sempre foi o mais popular, contava com a ajuda de famílias que trabalhavam na organização deste, inclusive essas famílias divulgavam o festejo convidando pessoas das cidades vizinhas a participarem. Assim o festejo foi ficando cada vez mais conhecido e frequentado.

¹⁴ Inicialmente o festejo de Santo Antônio era mais movimentado, só que com o passar dos anos alguns moradores da cidade evadiram-se para as capitais em busca de estudos e emprego, então essas mesmas pessoas passaram a voltar à cidade somente de janeiro, no período de suas férias e com isso começaram a trazer visitantes para participar do festejo de São Sebastião, daí então a festa do mês de janeiro foi ficando mais conhecida pelas cidades vizinhas e aumentando cada vez mais o número de fiéis.

¹⁵Maia de Nazaré Silva, 72 anos, professora aposentada. Sempre morou em Magalhães de Almeida e faz parte da família Binga. Família esta que teve grande participação nas atividades escolares e religiosas. Mais algumas de suas irmãs e sobrinhas foram professoras.

Fotografia 1 - Festejo de São Sebastião em 28 de Janeiro de 2013



Fonte: FILHO (2013)

Aqui trata-se do festejo de São Sebastião, e como pode ser observado no depoimento colocado mais adiante, na fotografia também é notável o grande número de fiéis reunidos e concentrados no momento que está acontecendo, ao que parece todos estão em oração, guiados pelo padre da região e em frente da imagem que consiste no símbolo maior do evento e na forma de mediação entre os fiéis e o poder divino que conduz à resolução dos problemas individuais.

Nesta fotografia temos a imagem do santo festejado, a presença dos fiéis em direção ao mesmo e ao sacerdote, e o padre em direção ao povo, todos estão reunidos com o mesmo objetivo: buscar a Deus pela intercessão de São Sebastião. Vejamos: por trás da cena fotografada existe por parte dos fiéis e da igreja como um todo, uma confiança na intercessão de São Sebastião, estes acreditam que o santo intercede junto a Deus pelos pedidos de graças e bênçãos. Podemos identificar neste ponto que os fiéis por levarem em consideração os atos de fé vividos pelos santos, são levados a crer que eles, os santos são uma mediação para se chegar até Deus. Tudo isso é resultado da visualidade, do que na mente dos seres humanos vai se registrando.

Uma outra entrevistada, D. Maria dos Remédios¹⁶ fala sobre a festa de São Sebastião, sua importância e popularidade:

¹⁶Maria dos Remédios Oliveira Sales Araújo, 71 anos, já professora e enfermeira na carreira profissional. Atualmente é dona de casa. Há 43 anos mora em Magalhães de Almeida e faz parte da família Sales. Durante

O principal festejo era o de São Sebastião, hoje ainda tem muitas coisas que seguem, era animado pelas pastorais, tinha a bandinha, era o que animava o festejo. Eu guardo como lembrança dos arraiais e festejos a simplicidade, as coisas simples em que o povo se empenhava e se tornava bonito. Os festejos eram bem participados pelas pessoas, mais do que hoje, porque elas participam mais da festa social do que da festa religiosa. (Maria dos Remédios Oliveira Sales Araújo em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 11 de Dezembro de 2017 às 16:00hs)

De acordo com as falas das entrevistadas, São Sebastião sempre foi o mais festejado. Antigamente tal festividade era organizada por “famílias”, como no caso da família Binga da qual fala D. Maria de Nazaré. Ambas destacam que antigamente as pessoas pareciam ter mais gosto pelas coisas da igreja, pois se dispunham a organizar pra que a festa fosse bonita, como elas dizem. Em vista desse empenho, os fiéis tinham mais entusiasmo em participar deste festejo, inclusive após a celebração da missa a praça da igreja permanecia cheia de pessoas conversando e participando dos leilões, o que tornava a o festejo um local promotor de sociabilidade.

Outro festejo muito importante que acontece na cidade de Magalhães de Almeida é a Peregrinação de Nossa Senhora, a imagem de Maria percorre as comunidades e em seguida percorre os interiores da cidade. Os fies juntamente com a imagem seguem em peregrinação à pé fazendo orações e louvores, os mesmos acreditam na poderosa intercessão de Maria junto a Jesus, seu filho. Muitas graças são alcançadas pelos fiéis por meio da fé.

Tal festejo deu início em 1996 por intermédio e incentivo do pároco daquela época, Padre Valdenir, neste mesmo ano dava-se início à construção de mais uma igreja católica, o padre juntamente com os fiéis deram-lhe o nome de Igreja Mãe do Salvador, por conta de que o mesmo em suas andanças pelas comunidades do interior percebeu o carinho que o povo tinha por Maria. Daí então surgiu a ideia de fazer a festa da Mãe do Salvador como forma de homenagear tal mulher que pela igreja é considerada digna de respeito e admiração. O festejo foi crescendo e ganhando um grande número de devotos, inclusive que acompanham a imagem durante a peregrinação e fazem promessas pedindo a interseção da Santa. O objetivo de tal peregrinação, é levar esperança às comunidades, fazendo-as crer que muitas graças podem ser alcançadas por meio da oração a Deus pela intercessão desta santa.

Fotografia 2 - Encerramento da festa da Mãe do Salvador em 31 de Maio de 2016

Fonte: FILHO (2016)



Esta festa de cunho religioso é considerada a terceira mais importante, depois do festejo de São Sebastião e de Santo Antônio, tanto que já é uma tradição a peregrinação com a imagem da Mãe do Salvador pelas comunidades. Neste ano de

2016 foi comemorado também os 20 anos de peregrinação mantidos com fervor pelos fiéis. Nesta foto observa-se a grande quantidade que se reúnem, e suas expressões faciais revelam a satisfação em participar deste momento, alguns aplaudem a imagem como forma de reconhecimento do que Maria representa para a igreja e para os que dela fazem parte, outros saúdam a imagem representando a “mãe do salvador” como bem indica o nome do festejo. No canto inferior esquerdo percebe-se um fiel que canta e louva de braços abertos, demonstrando a importância de tal ato na construção de sua identidade religiosa.

De acordo com a história Bíblica, Maria foi considerada a cheia de graça, pois foi escolhida por Deus para ser a mãe do Salvador. O concebeu em seu ventre pela ação do Espírito Santo de Deus. Em vista disso os fiéis da religião católica veneram Maria e acreditam que ela é quem mais se aproxima de Jesus, e que sua intercessão é muito valiosa. A chamam “Bem Aventurada”.

Pude ver isso em certos momentos no Círio de Nazaré. Momentos de intensa emoção, de intensa identificação com o objeto sagrado, de intensa entrega. Em Aparecida do Norte, na sala das velas, também é possível observar isso, ainda que com menos dramaticidade. A atitude é mais atitude de oração, de contemplação. Em Bom Jesus de Pirapora, o mesmo pode ser dito de pessoas que sobem a escada para orar brevemente aos pés de Cristo sofredor. E aí, como no Círio, a necessidade de tocar o objeto sagrado, o toque que assegura a consumação do sagrado e a purificação do crente. A fotografia entra nessa fê produzindo a necessidade de imaginar o invisível, que é o sagrado, simbolizado pelo templo antigo. Daí a importância que adquire a figuração do sagrado nas fotografias de recordação de peregrinações e romarias. (MATINS, 2008, p. 95).

Eis o ponto fundamental em que a visualidade é desvelada nas fotografias religiosas: a figuração do sagrado. A fé leva os fiéis a acreditar naquilo que não se pode ver naquilo que imaginam tocar por meio de uma imagem, mas na verdade a consumação deste toque se dá no sentir espiritualmente. Uma fé que é alimentada pela imaginação de que além dos seres

humanos existe um Ser supremo, Deus, e em seus arredores pessoas que foram consideradas pela igreja como santos por terem vivido de forma a se assemelhar a Deus. A foto a seguir exhibe muito bem a questão do toque em imagens, este instrumento material pode ser observado nesta fotografia como um mediador da relação entre fiel e o sagrado, para os fiéis este momento é um tanto significativo pois lhes coloca em estado de graça.

Fotografia 3 - Festa da Mãe do Salvador em 31 de Maio de 2013



Fonte: FILHO (2013)

Na imagem acima podemos ver dois senhores tocando a imagem de Maria e um outro à frente da imagem em oração, são pessoas aparentemente humildes e que se colocam em momento de intimidade com a presença de Maria representada pela imagem. Para os mesmos este toque possibilita receber boas energias transmitidas por Maria, talvez este toque encha os seus corações de esperanças por dias melhores e abençoados por Deus pela intercessão de Maria. Estes gestos podem ser identificados nesta fotografia como manifestações da fé e ao mesmo tempo como uma forma de tornar visível este momento de realização para os devotos. São momentos de profunda intimidade entre o sagrado e o profano.

[...] no detalhe miúdo de gestos dirigidos ao sagrado e nos intervalos estranhos que o sagrado permeia, justamente as evidências do sagrado, a construção social do sagrado. A participação litúrgica do romeiro, do pagador de promessas, dirige liturgicamente a atenção dos participantes para o sagrado em si. O participante da

liturgia não tem com o sagrado a relação de observador. Ele é parte, com sua presença da própria sacralização, porque ali ele se consagra. (MARTINS, 2008, p. 82-83)

À luz de tal citação percebe-se que quando os indivíduos se colocam relação com o divino, eles passam a fazer parte da divindade no momento presente. O autor coloca ainda que os mesmos são vistos como parte integrantes do sagrado, pois estes se encontram em sintonia, em conexão.

Assim sendo, os dois festejos abordados neste trabalho podem contribuir para refletirmos acerca dos atos de fé, os quais Raimundo Olinda dos Santos Filho evidencia a partir de suas fotografias. Estas últimas têm aqui o papel de enriquecer a pesquisa de modo que possibilitam uma abordagem nova e diferenciada no cenário religioso.

3.1 Raimundo Olinda Filho, um fotógrafo e seus registros citadinos.

Raimundo Olinda dos Santos Filho, mais conhecido como R. Filho, tem 51 anos. Filho de Raimundo Olinda dos Santos e Maria José de Oliveira. Nascido na Cidade de Magalhães de Almeida, sempre morou em Magalhães. No início de sua carreira profissional trabalhou na Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, em 2004 fez um concurso para o Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão para a função de técnico judiciário e foi aprovado pelo mesmo em 2005. No dia 23 de maio deste mesmo ano Raimundo Olinda dos Santos Filho tomou posse do cargo na comarca de São Bernardo Maranhão. Após um ano e três meses, este foi transferido para a comarca de Magalhães de Almeida, tendo em vista a criação de uma comarca na cidade. Atualmente ele segue trabalhando na mesma comarca como técnico judiciário e também na função de Secretário Judicial Administrativo.

A curiosidade e o fascínio por fotografias despertaram em Raimundo Olinda dos Santos Filho o desejo de fotografar, em entrevista ele revela:

“Meu interesse por fotografias iniciou quando eu tinha 14 anos de idade, o primeiro contato com uma máquina fotográfica foi quando tinha essa idade, por volta de 1981, a máquina fotográfica era de minha irmã. Fiquei encantado pelas fotografias. Fui um dos primeiros a fazer fotos em residências, fotos por encomenda.¹⁷ Fotos de aniversários, fotos de famílias. Nessa época era muito difícil o acesso às fotografias, principalmente as fotos coloridas. Naquele tempo era uma dificuldade pra que fosse

¹⁷ O mesmo já participou de alguns eventos sobre fotografias, fez um varal fotográfico, inclusive este foi exposto na UFMA no Campus de São Bernardo – MA, o qual teve muito sucesso. Já esteve presente em quatro edições da Esmam Cultural, que é um projeto do Tribunal de justiça que valoriza a ação dos servidores na arte e na cultura.

feito a revelação das fotos. Tinham que ser enviadas a Manaus, para uma empresa que se chamava Sonora na época, essas fotos eram enviadas pelos Correios de volta para Magalhães, demoravam em torno de um mês ou mais para chegarem de volta. Ao longo desse tempo de espera se criava uma grande expectativa para o recebimento das fotos reveladas.” (Raimundo Olinda dos Santos Filho em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 18/12/2017.)

Depois de algum tempo, ele adquiriu uma câmera fotográfica profissional, hoje ele faz vários registros fotográficos, ao falar desta aquisição e do seu hobby Raimundo enfatiza:

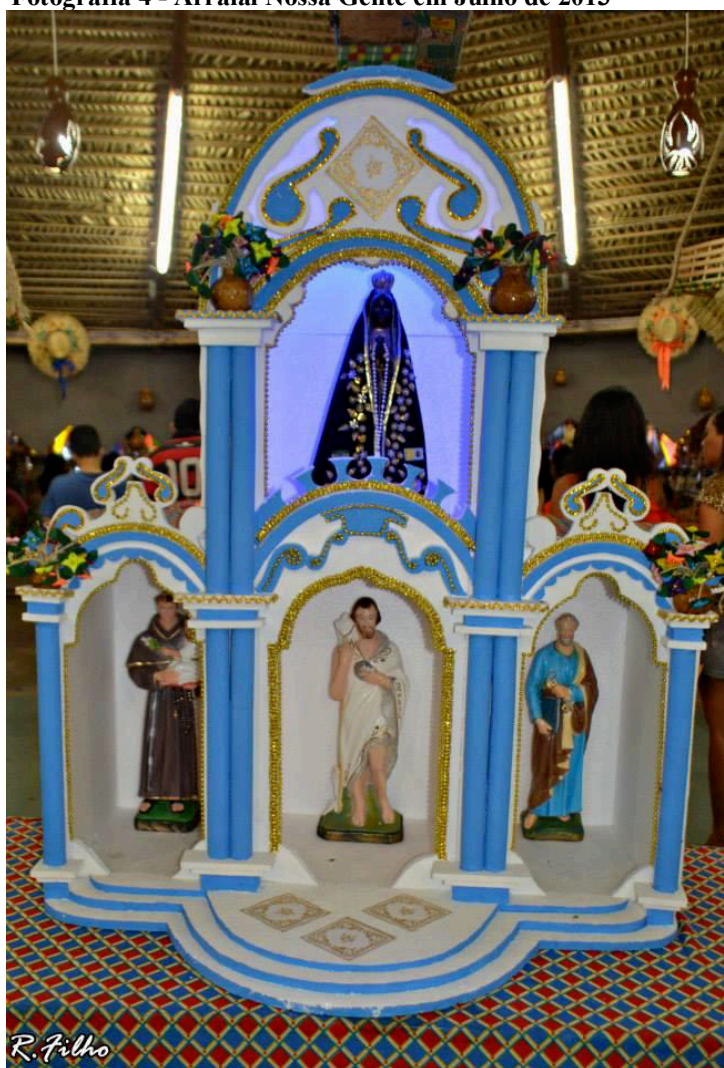
“Tenho paixão por fotografias e gosto de registrar momentos da natureza, o povo, as pessoas, as manifestações culturais. Como fotógrafo eu procuro sempre registrar aquilo que vejo importante fazer esse registro, e as festas religiosas oferecem momentos bem bacanas que dá pra você fazer fotos boas, registros bem bonitos. Com relação às pessoas a serem fotografadas... não existe assim uma maneira de escolha, os momentos eles vão acontecendo e cabe ao fotógrafo estar atento a esses momentos e assim fazer esses registros.” (Raimundo Olinda dos Santos Filho em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 18/12/2017.)

Em seus registros trabalha justamente com imagens fotográficas que retratam sobre o cotidiano da cidade e assim desvela alguns aspectos culturais de Magalhães de Almeida. Os momentos religiosos católicos que o mesmo registra são parte integrante de seu acervo fotográfico, pois estes momentos são ao mesmo tempo uma forma de revelar com o que o fotógrafo se afeiçoa. Em entrevista ele enfatiza:

“Procuro dar destaque por meio de minhas lentes a momentos religiosos católicos que ocorrem na cidade, missas especiais em datas comemorativas, Cerco de Jericó, semana santa e entre outros. Desde muito cedo comecei a fotografar, inclusive naquele tempo as coisas eram mais difíceis, as fotografias que eram “tiradas” naquela época, para serem reveladas se fazia necessário ir a Manaus, tudo isso por que até então a cidade de Magalhães de Almeida não tinha tecnologia que pudessem realizar o processo.” (Raimundo Olinda dos Santos Filho em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 18/12/2017.)

Ele também registra momentos de uma das maiores festas profanas que acontecem na cidade, que é o arraial que inicialmente ocorria no mês de junho, eram nove noites de festas com bandas musicais de forró contratadas pela prefeitura da cidade, participação de danças de vários ritmos, quadrilhas, bois e entre outros, tanto locais quanto de localidades vizinhas.

Fotografia 4 - Arraial Nossa Gente em Julho de 2013



Fonte: FILHO (2013)

Esta foto mostra que de certa forma o arraial tem uma pequena ligação com a religiosidade, pois nesta imagem estão os três santos que representam essa festa culturalmente. São João, São Pedro e Santo Antônio. Nesta foto percebe-se a profunda influência que a religiosidade, em seu aspecto popular exerce sobre a produção fotográfica de Raimundo Filho – como é conhecido na cidade e região.

Para o fotógrafo, o motivo de registrar as festas profanas, mais precisamente neste ponto, o arraial, se dá pela importância de fazer com que as pessoas ao observarem suas fotografias conheçam um pouco dos costumes da cidade e as formas de sobrevivência que são representados por meio das ornamentações que são feitas no espaço destas festas e posteriormente mostrados em suas fotografias. Sobre os registros desse tipo de festa ele coloca:

“Essas festas profanas eram para mim um momento oportuno para registrar a visita, por exemplo, de pessoas que moravam na cidade e por algum motivo tiveram que morar fora e em dias como estes tem a oportunidade de se fazerem presentes para prestigiar um pouco da cultura e dos costumes do povo Magalhense, bem como registrar também visitantes de cidades vizinhas. Ah! Não posso esquecer também que me é possível registrar o trabalho de ornamentação da equipe de cultura que a cada ano surpreende a todos. Acredito que meus cliques eternizam por meio de pequenas amostras feitas nestes eventos. É um movimento interessante! Alguns participavam por diversão, outros participavam na expectativa da competição. As pessoas disputavam na intenção de conquistar um prêmio que seria dado pelos organizadores do evento e doado pela prefeitura de Magalhães de Almeida. Atualmente essa festa de São João acontece no mês de julho, são só 4 noites de festas, a cada ano o arraial é ornamentado de acordo com temas escolhidos pela equipe de cultura, estes temas são trabalhados de forma que revelem em cada detalhe os traços culturais e o cotidiano dos moradores de Magalhães. Esta festa é denominada “Arraial Nossa Gente.” (Raimundo Olinda dos Santos filho em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 18/12/2017.)

Nesta fala do fotógrafo é notório a satisfação do mesmo em capturar momentos deste arraial. Para ele, o arraial é um espaço no qual o ocorre uma interação entre as pessoas. Ao que parece o mesmo acredita estar contribuindo para que a cultura da cidade não caia no esquecimento, mas ao contrário seja eternizada por meio de seus cliques.

Então as fotos de Raimundo Olinda dos Santos Filho formam rico acervo fotográfico pessoal que em muito pode acrescentar como fonte de informações e assim serem também utilizadas para fins históricos quando postas em análise. De acordo com FRAIZ 1994:

Uma característica essencial dos arquivos pessoais reside na preponderância do valor informativo de seus documentos, isto é, o seu valor de uso para fins históricos. O valor de prova legal, característica essencial dos documentos públicos, perde esse sentido estrito para os papéis privados. Mas se alargarmos esse conceito, também podemos dizer que, na organicidade de um arquivo pessoal, na maneira como os documentos foram organizados e mantidos em seu local de origem, é que reside seu valor de prova. (FRAIZ, Priscila, 1998-21)

Daí a importância do acervo fotográfico de Raimundo Olinda Filho para a cidade de Magalhães de Almeida, pois é por meio de suas lentes que ele guarda memórias de famílias, de pessoas comuns e de pessoas que de alguma forma marcaram a história da cidade, momentos culturais e festivos. É importante colocar que as situações do cotidiano fotografadas por ele servem para mostrar um pouco da realidade em que vivem os moradores da mesma. Somado a isso, o seu acervo serve como uma fonte muito rica de pesquisa para estudiosos que se disponham a desenvolver trabalhos que por meio de fotografias revelem aspectos sobre uma determinada localidade e mostre também como se dão as relações sociais no interior da mesma. Raimundo Filho em entrevista comenta como percebe o seu acervo:

“Vejo meu acervo como uma contribuição que deve ser preservada para gerações futuras e que poderão ser utilizadas como fonte de pesquisa e preservação da memória, tendo em vista que retrata muito a vida da comunidade, em aspectos

religiosos, profanos e ente outros.” (Raimundo Olinda dos Santos filho em entrevista concedida a Hildemeires Oliveira dos Santos em 18/12/2017.)

Raimundo Olinda dos Santos Filho por meio de suas fotografias busca mostrar principalmente momentos dos festejos religiosos católicos da cidade. Em seus registros podemos observar como se dá a participação dos fiéis nessas festividades e podemos identificar momentos em que as pessoas que estão na fotografia se revelam em profunda relação com o Sagrado, com Deus.

Na imagem a seguir podemos ver pessoas em adoração ao Santíssimo exposto no altar, o mesmo é representado pela hóstia consagrada que simboliza o corpo de Cristo. Ao refletir sobre esta fotografia, vemos que a fé transcende o movimentos físicos das pessoas. Alguns detalhes como: um joelho dobrado, a cabeça inclinada, as mãos estendidas, olhos fechados, atos que colocam as pessoas ali presentes em união com o sagrado. Consta-se, ainda nesta fotografia, que algumas pessoas se encontram em estado de contemplação do objeto sagrado representado no instante da fotografia, instante este que limita o espaço observado à cena registrada e no entanto e ao mesmo tempo viabiliza uma série de análises sobre o momento fotografado e as representações que dele fazem parte.

O instante da fotografia não recobre senão um fragmento da temporalidade dessa peregrinação pela vida, dessa busca incessante e inacabável. Por isso, fotografias como as dessa exposição pedem uma demora na sua “leitura” e na sua apreciação. Quase num meditar com cada fotógrafo; quase uma liturgia de conciliação do ato fotográfico com o ato interpretativo. (MARTINS, 2008, p.74)

Com base na citação acima a fotografia apresenta fragmentos de momentos em que os cristãos se encontram em estado de busca incansável pela vida e pela ação do sagrado frente aos dilemas vividos no cotidiano. E para analisar esse tipo de imagem é necessário que haja uma conversação entre o que foi fotografado e as possíveis interpretações a serem feitas a partir deste.

Fotografia 5 - Festa da Mãe do Salvador e exposição do Santíssimo em 23 de Maio de 2015.



Fonte: FILHO (2015)

A fotografia acima exhibe o instante em que o sagrado se faz presente por meio deste símbolo e também a forma como as pessoas se colocam em profunda concentração em relação ao objeto e ao que este representa. Alguns estão em posição de reverência como forma de respeito ao Cristo representado. Esta fotografia está relacionada ao momento decisivo no tanto em que esta representa a relação entre o humano e o divino em seu ápice. Nota-se, na parte inferior da fotografia, um fiel em estado de transe, ajudado por uma moça que, aparentemente, o consola e ao mesmo tempo controla o estado de transição vivido. Este momento consiste no ápice do estágio de ligação entre uma imagem extremamente simbólica e a representação do símbolo maior do cristianismo. É interessante que, ao contrário das imagens de santos, a imagem do altíssimo assume uma feição abstrata e, por este motivo, conduz a momentos aparentemente mais sintomáticos, conforme observamos no conjunto da fotografia, quando da sua apresentação e da sua louvação

Atilio Avancini 2011 em seu texto: *A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo*, cita Moreira 2007 para melhor definir o que ele chama de momento decisivo:

Entre a realidade e a ficção nasce o momento “decisivo”. Ao retirar imagens do real e fazer associações, surgem significados inventados pelo próprio fotógrafo, que

transcendem a esfera documental. Para Cartier-Bresson não havia a preocupação com a excelência técnica: a fotografia produzida com a Leica acontecia naturalmente. Com o arqueiro zen, silencioso e desprendido de si, a vivência do momento presente era mais importante que a própria fotografia. Por outro lado, Cartier-Bresson afirmava que seu talento vinha do envolvimento pessoal com o trabalho. (MOREIRA, *apud*, AVANCINI, 2011, p.60)

Nesse sentido a fotografia reafirma o Sagrado e instiga quem a vê a também se colocar na busca incessante de Deus na esperança de que ele torne os dias melhores. Nas Fotografias, assim como nas fotografias utilizadas como objeto neste trabalho, cabe destacar, existe sempre o olhar do fotógrafo e isso tem relação com o fato de ele fazer parte ou não do meio social fotografado. As fotografias de Raimundo Olinda dos Santos Filho de alguma forma mostram de onde o mesmo está falando, sim, pois quando este fotografa está querendo transmitir alguma mensagem aos observadores. Portanto, o fotógrafo é aquele que tem a imaginação fotográfica¹⁸, é aquele que seleciona o que quer que seja fotografado e assim constrói suas fotografias e é por meio destas que o fotógrafo revela o que ele quer dizer. O ato de fotografar carrega consigo uma certa preservação com aquilo que o fotógrafo contempla.

Neste sentido, o fotógrafo se torna um protagonista dos atos de fé valendo-se de suas fotografias.

A ida aos lugares sagrados não pode não deixar de ser interpretada como breve intervalo, ligeiro descanso devocional numa vida de sofrimentos em busca do mundo da Promessa. Uma romaria purificadora, como fica evidente quando se compreende quem dela participa. O impacto visual de realidades assim na sensibilidade de um fotógrafo, [...] pode incorporar à composição fotográfica várias evidências de uma história no caminho da Utopia. (MARTINS, 2008, p. 74).

Com base na citação acima, cada ida a lugares sagrados é uma oportunidade de encontro com Deus, é também um momento no qual os indivíduos suplicam ao Mesmo que amenize seus sofrimentos e aspiram pela “terra prometida”. Esses lugares geralmente são cheios de imagens de santos, de Deus e entre outros que de alguma forma foram significativos na história da igreja. A crença de que tais imagens os representam, instigam os fiéis a se aproximarem, a tocarem na esperança de que as graças pedidas sejam alcançadas.

¹⁸A imaginação fotográfica envolve um modo de produção de imagens fotográficas, a composição e a perspectiva, o apelo a recursos técnicos para escolher e definir a profundidade de campo, enfim um modo de construir a fotografia, de juntar no espaço fotográfico o que da fotografia deve fazer parte e o modo como deve fazer parte. (MARTINS, 2008, p. 64).

Fotografia 6 - Adoração ao Santíssimo exposto. Festejo de São Sebastião em 2013.



Fonte: FILHO (2013)

Na imagem apresentada a seguir é possível perceber o quão imensa é a fé das pessoas que ali estão, pois elas voltam seus olhares e suas súplicas para uma imagem extremamente metafórica cuja concreticidade e importância variam de acordo com a postulação de fé e o momento destacado para a sua adoração. Para a igreja o Santíssimo representa uma pedaço de pão, que por sua vez simboliza o corpo sagrado de Jesus, símbolo maior da fé cristã, este pedaço de pão que representa o corpo de Jesus Cristo só se deixa alcançar pela fé de que Deus existe e se manifesta neste pão. Da mesma forma acontece com o vinho, que para a igreja representa o sangue de Cristo. Ambos são reconhecidos dessa forma por conta da significação que a elas foram dadas pela igreja. É importante notar também o gesto de estender as mãos que as pessoas manifestam, isso evidencia que elas estão a fazer súplicas a um Ser que é superior a elas e que estas acreditam que é capaz de atender às suas necessidades. Buscam ao menos tocar em Cristo que se faz presente por meio de um pão.

Estes elementos simbólicos, pão e vinho, são utilizados pela igreja como forma de persuadir os fiéis, propondo-lhes uma troca: a devoção pela salvação. Os fiéis com base nas normas e regras da igreja foram ensinados a identificar nestes símbolos a pessoa de Cristo representado neles e é a fé que faz com que essa identificação seja consumada.

As imagens, por exemplo, dos santos, das igrejas, de indivíduos em estado de oração, de detalhes que representam o sagrado, criam na imaginação das pessoas um cenário de fé, e de que por meios destes é possível um relacionar-se com o divino. É o caso das fotografias de Raimundo Olinda dos Santos Filho utilizadas neste trabalho. Nelas podemos identificar a

presença do divino sem condições de o tocá-lo, porém o nosso imaginário nos permite o fazê-lo.

É uma fé que transcorre no mundo do imaginário e da imagem mental, de uma imagem que nem sempre tem condições de materializar-se, até por falta de meios técnicos que correspondam apropriadamente ao que está sendo imaginado. Mas a imagem desse imaginário é significativamente confinada ao limite entre a vida e morte, em face do risco da morte iminente. A necessidade de dar visibilidade ao invisível foi uma necessidade própria do mundo colonial, cujos resquícios persistem de vários modos na cultura brasileira. (MARTINS,2008, p.76).

Ainda de acordo com José de Souza Martins as religiões populares no Brasil tem sido intensamente visuais e é justamente por meio da religião e da tradição que a fotografia entra no Brasil. É nas fotografias que a fé se expressa. Por meio das fotografias é que se revela o visual, o que está para além do fotografado, como já foi dito anteriormente. A fotografia torna possível visualizar o invisível: a fé.

É importante atentarmos para o fato de que muitas vezes a fotografia é composta por um momento de decisão, decisão esta tomada pelo fotógrafo. O que fotografar? qual o momento ápice da cena? Com isto quero dizer, o fotógrafo é responsável por tal decisão de capturar um momento único que não mais se repetirá da mesma forma.

De acordo com as falas de Raimundo Olinda dos Santos Filho, os momentos vão acontecendo naturalmente e o mesmo seleciona, nos casos de momentos religiosos, ele busca capturar os instantes em que as pessoas se mostram em profunda intimidade com Deus, pois são nestas ocasiões em que os indivíduos se “desarmam”, de seus sofrimentos e mazelas que as atingem diariamente.

Embora o fotógrafo diga que os momentos vão acontecendo naturalmente, é necessário perceber que à medida que ele seleciona tais momentos, ele está munido de suas visões de mundo, seus atos de fé, de sua formação religiosa e de sua vida de caminhada na igreja. Portanto, ele tem intenções baseadas nestas referências que ao longo de sua vida adquiriu e tomou-as para si.

É nessa construção, nessa redução dos tempos da realidade social ao espaço da imagem fotográfica e ao seu tempo aparentemente único, que o fotógrafo imagina, isto é, constrói a sua imagem fotográfica, aquilo que quer dizer através da fotografia. Mas, das expressões de um rosto aos elementos simbólicos do vestuário e da circunstância da fotografia, inevitavelmente agrega à imagem fotográfica os decodificadores que a “descongelam”, isto é, que revelam a dimensão sociológica e antropológica do que foi fotografado. Se a fotografia aparentemente “congela” um momento, sociologicamente, de fato, “descongela” esse momento ao remetê-lo para a dimensão da história, da cultura e das relações sociais. (MARTINS, 2008, p.65).

Os elementos citados por Martins referentes à fotografia são parte fundamental da visualidade, as expressões faciais revelam em que estado emocional as pessoas se encontram, suas vestes revelam se o local em que estão presentes é um local mais formal ou informal. Portanto, as fotos que aparentemente são estáticas revelam seus significados ao serem analisadas

Tal abordagem permite perceber a importância de trabalhar com as fotografias de Raimundo Olinda dos Santos Filho explorando-as para além de aspectos estéticos, tornando relevante o que há de mais rico na composição destas: a visualidade. Uma simples fotografia quando analisada detalhadamente conta histórias, evidencia costumes, crenças e modos de vida em sociedade de um povo.

CONCLUSÃO

Conclui-se, pois que a fotografia é um instrumento de pesquisa valioso e que contribui em grande medida para a preservação das memórias, ao mesmo tempo em que permite o desenvolvimento de seus significados quando posta as entrevistas em análises. Acredita-se que isso se deve ao novo campo de pesquisa aqui abordada os estudos visuais, onde a fotografia ganha espaço entre as demais disciplinas, que não seja apenas a Arte.

Essa possibilidade de trabalhar com a fotografia nas disciplinas de cunhos sociais é relevante, porque a encaminha para que seja utilizada em pesquisas acadêmicas e propõe que sejam aferidos sobre ela novos enfoques.

Ela, a fotografia vem cumprindo o papel importante de tornar visível o que aos olhos humanos é invisível. Isso se dá por meio das representações que faz a mesma. De acordo com as análises feitas nesta pesquisa sobre as fotografias, se pode concluir que elas são instrumentos visuais pelos quais os são representados os atos de fé, as pessoas fotografadas, as instituições sociais de que estes fazem parte

Sobre os depoimentos podemos, concluir que estes também são uma fonte de pesquisa muito importante, pois por meio das histórias contadas nos permitem revisitar o passado e conhecer experiências com o auxílio da memória.

Desse modo faz-se necessário que a sociedade busque cada vez mais refletir sobre a fotografia, não apenas como uma simples imagem fotografada, mas como um registro das realidades sociais, históricas e culturais de um povo.

Em relação às fotografias de Raimundo Olinda dos Santos Filho podemos concluir: são fontes importantes de pesquisas que retratam a história de Magalhães de Almeida –MA, as práticas sociais, culturais, religiosas e entre outras.

Por meio de suas lentes ele também procura dar destaques a pessoas simples e a momentos importantes que por vezes passam despercebidos aos olhos de um mero expectador. Então, a importância deste acervo fotográfico se dá pela forma em este se relaciona com a história oral e com a visualidade, pois em suas fotografias podemos identificar esses elementos aqui abordados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Camila. PAULA, Silas. **Cultura visual e imagens do cotidiano**. Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação – UFC. Curitiba, 2010.

BAXNDALL, Michael. **Padrões de Intenção: a explicação histórica dos quadros** / Michael Baxandall: tradução Vera Maria Pereira: introdução à edição brasileira Heliana Angotti Salgueiro. São Paulo: Companhia de Letras, 2006.

FRAIZ, Priscila. **A dimensão Autobiográfica dos Arquivos Pessoais / o Arquivo de Gustavo Capanema**. Estudos históricos, 1998-21.

GOMES, Gilberto Wagner Bezerra. **Magalhães de Almeida e Sua História**. Gilberto Wagner Bezerra Gomes. Imperatriz – MA, 1999.

HARTOG, François. **Regime de historicidade** [Time History and the writing of History – KVHA Konferenser 37: 95-113 Stockholm 1996]. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>>

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**. ArtCutura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-j.

LE GOFF, Jacques, 1924 – **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão...[et al.] – 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

MARTINS, Jose de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem** / José de Souza Martins. – São Paulo: Contexto, 2008.

MICELI, Sergio. **Imagens negociadas: retratos da elite brasileira (1920-40)** / Sergio Miceli. – São Paulo: companhia das Letras, 1996.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.23, n.º.45, pp.11-33. 2003.

MONTINEGRO, Antônio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular brasileira revisitada** / Antônio Torres Montenegro. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 1994. – (Caminhos da história).

AVANCINI, Atílio. **A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo**. São Paulo. Edusp 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1922, p.200-212.

ANEXO I

Questionário feito aos entrevistados

- 1- Como era a cidade há 20 anos?
- 2- Você estudou? Onde?
- 3- Quais momentos você guarda de sua infância?
- 4- Como e onde eram os espaços de diversão?
- 5- Qual o principal festejo e como era feito?
- 6- Como aconteciam os primeiros arraiais?
- 7- Quem organizava?
- 8- Sabendo que atualmente o arraial é organizado de acordo com temas, qual é a intenção dos organizadores ao trabalharem dessa forma?
- 9- Quais as atividades?
- 10- Como era feita a ornamentação? (os enfeites).
- 11- Quantos arraiais existiam? Aconteciam somente no São João?
- 12- No festejos, quais grupos participavam? (se apresentavam)
- 13- Como eram organizadas as barracas? Quais os responsáveis?
- 14- Quais os tipos de brincadeiras?
- 15- Qual sua imagem dos arraiais e dos festejos?
- 16- Como se dava a participação da comunidade nesses festejos?
- 17- Qual a importância do “Arraial Nossa Gente” para a história de Magalhães de Almeida?

ANEXO II

Entrevistas realizadas

Edivam da Silva Santos, 39 anos. Formado em Psicopedagogia, mora em Magalhães de Almeida há 28 anos e faz parte da família Alencar. Atualmente é o secretário de cultura da cidade.

- há 20 anos a cidade era bem mais pacata do que hoje, tinha pouca estrutura, nada de tecnologia, era uma simplicidade. Sobre a minha infância... guardo as brincadeiras que não existem mais, as brincadeiras nas ruas, até mesmo porque a tecnologia tomou de conta desse espaço e a noite as crianças se reuniam pra brincarem e hoje a gente não tem mais esse campo cultural, ficou esquecido. Os espaços de diversão eram nas ruas, nas praças, as praças eram lotadas de crianças à noite. E também no meio da rua, porque não tinha tanto trânsito e as crianças tinham mais liberdade para sair à noite para esses tipos de brincadeira. Não tinha violência e nem o trânsito que tem hoje na cidade. O principal festejo há 20 anos era o festejo do mês de janeiro, o festejo de São Sebastião, celebrado de 20 a 29 em todos os anos e era feito de maneira tradicional, ainda hoje existe esse festejo e também muitas coisas de 20 anos atrás que ainda se realizam, como o mastro, leilão e tudo, mas nesses anos atrás ele era bem mais festejado do que hoje. O fluxo de pessoas que participam teve uma queda, devido a outros eventos que posteriormente surgiram. Os arraiais também aconteciam de forma mais tradicional, com direito a piso de terra, com direito a palmeiras, tinham muitas quadrilhas juninas tradicionais que participavam, porque hoje está bem mais estilizado e quem organizava na época era a prefeitura já, e também o secretário de educação e cultura, na época que as duas secretarias eram conjugadas, no tempo do primeiro arraial. Isso eu estou me referindo ao arraial do município, que começou em 2007, não lembro bem do corpo que organizava porque eu não trabalhava nessa época, mas o organizador, o presidente da comissão organizadora sempre era o secretário Antônio José Ribeiro. Sobre a intenção dos organizadores... primeiramente, a gente pensa num tema bem cultural que às vezes tá um pouco esquecido, a gente tenta resgatar, o tema serve também de campanha de preservação, como a gente fez uma vez com o Rio Parnaíba, que na verdade foi uma campanha de preservação e os outros temas são homenagens, como ao vaqueiro, ao lavrador, ao pescador, que são profissões locais, profissões nordestinas que a gente tenta resgatar a valorização desses profissionais, dessas profissões, desses temas culturais mais voltados para a cultura

nordestina. As atividades acontecem de forma cultural, apresentações, por exemplo: a decoração, a gente tenta fazer da forma mais artesanal possível e as apresentações nós procuramos tanto as locais como as regionais, que também trazem temas educativos e culturais para a população. No arraial se apresentam as quadrilhas juninas, o bumba-meu-boi, apesar de serem estilizadas, mas ainda são as que têm maior destaque na cultura junina. Antigamente a ornamentação não era feita por temas, era feita exclusivamente pelo São João. Já o de hoje fazemos uma junção do São João com o tema específico de cada ano. Os Arraiais só eram feitos uma vez a cada ano no mês de junho. Atualmente eles acontecem no mês de julho, mas antes também além da prefeitura e da secretaria de cultura existiam outros arraiais que não lembro bem os nomes, mas lembro que tinha um na avenida, assim como hoje também temos um que é organizado no bairro gaveta, e sempre teve outros paralelos, mas não com a mesma estrutura. Não tenho ideias que quantos deles existiam. Nessa época nós tínhamos uma quadrilha tradicional, a quadrilha arco íris e tínhamos também a competição de quadrilhas municipais, onde todas as escolas também faziam uma quadrilha pra competir entre si. Algumas destas tomaram grandes dimensões na década de 90, inclusive até antes de 2000. Eles se apresentavam para se divertir, para competir, mas também como uma forma de representar suas localidades e suas escolas. As barracas em nossos arraiais sempre foram feitas de palha, o arraial desde o início teve essa tendência a não fugir do padrão, os responsáveis eram sempre as pessoas da secretaria de cultura desse tempo, apesar da equipe da infraestrutura também entrar na questão do físico, da estrutura das barracas. Os arraiais surgiram em comemoração a esses festejos em honra a São Pedro, Santo Antônio e São João, então estes estão sempre ligados, os festejos com os arraiais. A participação da comunidade nos festejos era bem grande, sempre veio, viajou, procurou procissões, quermesses, missas campais, levante de mastro, e essa participação era muito esperada todos os anos. A importância do arraial se dá pelo resgate cultural e pela preservação do resgate, e como ele tomou uma dimensão muito grande, ele de certa forma já faz parte da cultura do município e também porque nesse período o arraial é momento em que toda a cidade, os turistas, os anfitriões e entre outros, se reúnem pra festejar essa cultura que há 20 anos era um pouco esquecida. Existiam os grupos culturais, porém não existia um centro onde eles pudessem se apresentar. Atualmente a equipe de organização é formada por 15 pessoas que trabalham no arraial com o intuito de recuperar e preservar a cultura local. Lembro que em 2008 ocorreu uma separação, um desmembramento da secretaria de cultura com a secretaria de educação. Assim, foi que a secretaria de cultura de certa forma ganhou autonomia.

Bernarda Alves da Rocha, 82 anos. Dona de casa. Mora na cidade há 66 anos e faz parte da família dos Constâncios.

- ah! Aqui era muito pequeno, tão tal que chamavam aqui era furo, que diz que a pessoa que chegou aqui não tinha ninguém, o primeiro que chegou dizem que disse: “vou fazer aqui um furim” e aí fizeram aquela igreja, a igreja de Santo Antônio, bem na beira do rio, aí ficou o nome por furo. Com muitos anos foi que mudaram pra o nome Magalhães de Almeida. Eu não estudei em paragem nenhuma, de jeito nenhum. Nós morava no interior, nós chorava pra ir pra escola, mas naquele tempo as coisas eram muito difíceis... um tio meu foi me buscar pra estudar aqui mas papai não deixou, disse que não ia botar a filha dele na escola pra não escrever pra homem. Eu tenho tanta saudade da minha infância! Mas não volta mais. Quando íamos pra festas, os amigos da gente, os namorados. A gente se divertia só nos festejos, de ano em ano, aí depois começaram fazer quadrilha, mas as quadrilhas daquele tempo eram mais bonitas do que as de agora, quando era na hora de entrar, a música até me lembro: “... pede homenagem a São João”. Ô mais era muito bom! O festejo mais animado era o de janeiro mesmo, o de São Sebastião. Eram 9 noites, tinha o mastro, aí levantavam o mastro e aí no outro dia era a primeira noite, tinha os leilão, faziam as barracas para prender os rapaz, faziam as barracas e enfeitava todinha de papel muito bonito e aí ficava as mulher, uma dum lado e outra doutro pra prender os rapaz, e eles só saíam se pagassem e esse dinheiro já ficava pra igreja. Os primeiros arraial eu nem me lembro, eu morava aqui pra baixo, mais as meninas saíam era em muita quadrilha. Aconteciam alguns no largo da igreja, alguns depois era em frente da praça Paulo Gomes, por alí. Os arraial era enfeitado só daquele papelim de toda cor, só era no tempo do São João, só no mês de junho. Nesse tempo era só os pessoal daqui do lugar que se apresentava, num vinha gente de fora não. Nesse tempo não era como hoje não. Só fazia enfeitar o lugar deles bicarem, nesse tempo aqui era mais fraco. Quem organizava era as pessoas mesmo. Na brincadeira das quadrilhas tinha muita brincadeira que a gente ria de mais! Eu me lembro que nesse tempo as famílias da gente vinham pro festejo e vinham pra casa da gente. A participação era os leilão, todo mundo levava jóia. Era as pessoas de perto da igreja que organizava as novenas, a comunidade mesmo. O arraial é bom, e o povo agora, eles vinham em janeiro para os festejos agora eles tão vindo só em julho, no arraial porque é mais animado. Tão deixando pra vim só em julho, ta mais animado do que o festejo. Nas festas dos clubes, se tinha uma moça que falavam mal dela ela não entrava pra dançar não. Se pegasse ela na festa, botava pra fora. E gente preto também botavam pra fora. Só besteira do povo.

Francisco Alves de Oliveira, 88 anos. Lavrador, sempre morou na cidade. Pertence à Família Oliveira.

- há 20 anos! Eu não tenho bem lembrança. Já tinha luz, tinha água, de vinte anos pra cá já tinha. A cidade era bem simples, aqui não tinha era nada, de lá pra cá melhorou muito. Eu só estudei o primário aqui mesmo, na escola Nazaré Ramos. Quando eu era pequeninim eu me sentava peto do papai e da mamãe aqui, aí escurecia e não tinha luz, não tinha água, não tinha uma carroça, não tinha uma bicicleta, não tinha nada. Era muito atraso. Aqui num tinha divertimento não, só a festa de janeiro, era na igreja de Santo Antônio. Eu me lembro que no festejo era chamada a orquestra de Buriti dos Lopes que aqui num tinha a banda vinha, tocava a festa toda, o programa era esse, tirar jóia, fazer leilão, faze batizado e casamento no dia da última noite. Sempre tinha uma comissãozinha que arrumava as coisas do festejo. Santo Antônio era o padroeiro mais a festa grande era de São Sebastião. Não existia arraial. Nesse tempo era só brincadeira de lexa, de correr atrás um do outro, se esconde atrás do mato, não tinha divertimento. O arraial é muito importante, porque o povo tem procurado muito divertimento, todo ano, as apresentação. Tenho achado muita vantagem, bem organizado, já foi sobre a pesca, sobre o lavrador.

Maria de Nazaré Silva, 72 anos. Professora (aposentada). Mora na cidade desde o seu nascimento e faz parte da Família Binga.

- Era uma cidade menor, não tinha a quantidade de pessoas que existe, era menos gente, era uma cidade pacata, uma cidade humilde, calma, de gente muito simples que agora com a continuação da cidade foi que as pessoas ficaram mais evoluídas. Naquele tempo as pessoas eram mais simples porque tinham pouco conhecimento, e a palavra correta é mais humilde. Naquele tempo atrás não era realmente a cidade, ela ainda não tinha passado a cidade, era um povoado, uma vila e os festejos eram melhores que agora, apesar que eram menos pessoas era um festejo muito animado e que parece que o pessoal eram mais católico do que hoje, tinha uma participação mais ativa, tinham mais convicção pra igreja e tinham mais ideias. Se contratava uma bandinha de fora e quando não tinha dinheiro pegava o Sr. Bernardo Soares, ele era um rapaz daqui que tocava clarineta, e traziam um rapaz de Trincheiras pra tocar uma sanfona. Às vezes vinha uma banda de Buriti dos Lopes, a festa rendia, era uma animação. Todos os dias no período do festejo se ia nas portas de cada uma das pessoas da cidade pedindo jóias e a bandinha tocando atrás. E assim a gente arrecadava bastante jóias e assim era até dar as nove noites. Eu estudei aqui em Magalhães de Almeida, meus períodos foram todos aqui, só agora quando fui fazer a faculdade que tié que ir a São Bernardo. Fiz o curso de pedagogia. De quando eu era criança, guardo muito os festejos, a alfabetização, estudava lá no Nazaré Ramos, são os momentos que mais eu guardo. Lá a gente brincava de lexa, de cabra cego, de bonequinha, correndo, do trisca, lá tudo erra mato. E do festejo que era tão animado, não tinha praça era só o chão mesmo, tinha os botequins, feitos de palha no largo da igreja e colocavam tudo pra vender, bebidas, bombons essas besteiras, á noite a gente ia pra igreja e ficava andando, na folia com as colegas e comprando bombons, e querendo paquerar. O principal festejo era São Sebastião, toda vida foi, apesar que Santo Antônio que é o padroeiro, mas sempre ele ficou atrás de São Sebastião. Era feito com as bandinhas de música, os encarregados era minha família aqui, era o S. Chico Rita, minha avó, minha irmã Lourdes Binga eram estes que se encarregavam e com o passar dos anos esse povo foi embora, a idade chega e a gente não tem mais pique pra essas coisas. Sobre os primeiros arraiais, era minha irmã Lourdes Binga, que formava a quadrilha, não tinha lugar próprio para acontecer e a primeira quadrilha que teve aqui em Magalhães foi ela quem organizou, se ensaiava na casa de amigos e quando era no período se procurava um lugar para brincar. A primeira foi feita em frente à prefeitura, ninguém conhecia nem o que era quadrilha nesse tempo, ela em uma de suas viagens a Parnaíba – PI viu uma quadrilha e logo trouxe a

ideia para Magalhães. Eu acho que a intenção dos organizadores do arraial é que não deixe essa cultura morrer, cada vez mais eles querem apresentar as coisas pra que a cidade cresça também, e as pessoas que vem aqui, os filhos daqui tenham conhecimento do que já foi a cidade há tempos atrás e o que ela está sendo hoje. Na igreja também faziam um pequeno arraial e eram as mesmas pessoas que estavam na organização da igreja que se apresentavam, era uma quadrilha improvisada. Era mais uma forma de se divertir. D. Maria da Graça do Correio também trazia a sua dança de boi da APAE para se apresentar. Dos arraiais eu só guardo lembranças boas, naquele tempo não tinha nenhuma malícia, as pessoas brincavam porque gostavam de se divertir. Hoje as pessoas não brincam mais assim, brincam, mas é com a intenção de beber. Os espaços de diversão eram na frente das igrejas, nas praças. Tinham as festas no Magalhense Clube, mas não era festa pra todo mundo não, tinham os convidados, se você não fosse convidado você não entrava. Se a moça fosse falada não entrava. Naquela época não se podia pegar nem na mão do namorado. Minha filha, o arraial atualmente é muito importante, porque através do arraial é que Magalhães se destacou mais, ficou mais conhecida pela população a fora, vem muitas pessoas de fora, e com isso a cidade está crescendo, e o arraial faz com que a cidade seja mais conhecida.

Maria dos Remédios Oliveira Sales Araújo, 71 anos, foi professora e enfermeira na carreira profissional. Atualmente é dona de casa. Há 43 anos mora em Magalhães de Almeida e faz parte da família Sales.

- Magalhães era uma cidade muito pequena, era de pouco movimento, uma cidade respeitada, as pessoas eram mais amigas, existia mais união, mais paz. Era muito comum a gente sentar na porta de casa com os vizinhos para conversar e isso nos levava a ter mais saúde e mais vida. Em minha infância estudei na cidade de Luzilândia até o primário, quando eu cheguei aqui em Magalhães em 1974, já era casada e já tinha meus filhos. Existia no tempo o projeto “Minerva”, que era o ginásio em 15 meses, eu a convite da Rosário do Mariano, que era professora, criei ânimo e fui participar desse projeto. De minha infância eu guardo muita coisa boa, meus pais moravam no interior mas, me puseram pra estudar na cidade, a cidade mais elevada era Luzilândia, onde tinha as melhores escolas. Estudei no grupo escolar João Francisco. Minha infância foi maravilhosa. Meus pais tinham uma dedicação muito grande por mim. Do interior pra me levar para a cidade o transporte era de cavalo, meu pai ia me deixar a cavalo lá no dia 29 de fevereiro porque no dia 1º de março as aulas começavam. Os espaços de diversão de Magalhães eram os clubes de festas, o magalhense clube e o cambirimbão que também era um clube. As crianças se divertiam na praça, em frente da igreja, acontecia uma festa das crianças no período do festejo que era às três horas da tarde, era o movimento que tinha. O principal festejo era o de São Sebastião, hoje ainda tem muitas coisas que seguem, era animado pelas pastorais, tinha a bandinha, era o que animava o festejo. Os arraiais eram coisas simples, não eram sofisticados como hoje, mas eram muito animados, eram feitos na medida do possível. Sobre o arraial, eu acho que o tema traz algo novo para a adolescência de hoje que não conheceram naquele tempo, e eu acho muito importante trabalharem à base de temas, pois recorda muita coisa e mostra para a juventude. Antigamente os enfeites eram só as bandeirinhas e umas palhas de coco, era bem simples, até porque o tempo não ofereciam condições e materiais para que os arraiais fossem mais sofisticados. Às vezes tinham arraiais no festejo de Santo Antônio e de São João. As barracas eram organizadas pela prefeitura. Eu guardo como lembrança dos arraiais e festejos a simplicidade, as coisas simples em que o povo se empenhava e se tornava bonito. Os festejos eram bem participados pelas pessoas, mais do que hoje, porque elas participam mais da festa social do que da festa religiosa. O arraial que acontece hoje é muito importante, porque no mundo que nós vivemos, temos que crescer, tudo tem que evoluir. É um evento muito importante, muito

bonito, muito bem trabalhado, é onde as pessoas podem recuperar o que já foi passado sobre a história e a cultura da cidade.